INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - IFES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

DAIZE MIRANDA OLIVEIRA SOUZA

SOBRE O TEMPO: QUADRINHOS DA LAERTE E POEMAS DE MÁRIO QUINTANA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR RESPONSIVO

Vitória

2023

DAIZE MIRANDA OLIVEIRA SOUZA

SOBRE O TEMPO: QUADRINHOS DA LAERTE E POEMAS DE MÁRIO QUINTANA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR RESPONSIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Priscila de Souza Chisté Leite

Vitória

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S729s Souza, Daize Miranda Oliveira.
Sobre o tempo : quadrinhos da Laerte e poemas de Mário Quintana para a formação do leitor responsivo / Daize Miranda Oliveira Souza. – 2023.
111 f.: il. ; 30 cm.

Orientadora: Priscila de Souza Chisté Leite.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, Vitória, 2023.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Dialogismo (Análise literária). 3. Prática de ensino – Leitura. 4. Histórias em quadrinhos. 5. Professores – Formação. 6. Língua portuguesa (Ensino fundamental) – Estudo e ensino. I. Leite, Priscila de Souza Chisté. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 372.4

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116

DAIZE MIRANDA OLIVEIRA SOUZA

SOBRE O TEMPO: QUADRINHOS DA LAERTE E POEMAS DE QUINTANA PARAA FORMAÇÃO DO LEITOR RESPONSIVO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcialpara obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 08 de julho de 2023

COMISSÃO EXAMINADORA

Doutora Priscila de Souza Chisté Leite Instituto Federal do Espírito Santo - IfesOrientadora
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

Doutora Letícia Queiroz de Carvalho Instituto Federal do Espírito Santo - IfesMembro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

Doutora Marisol Barenco Corrêa de MelloUniversidade Federal Fluminense - UFF Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

DAIZE MIRANDA OLIVEIRA SOUZA

SOUZA, Daize Miranda Oliveira; LEITE, Priscila de Souza Chisté. **Diálogos sobre o tempo**: Laerte Coutinho e Mário Quintana. Vitória: Ifes, 2023. 45 p. (Material didático).

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 08 de julho de 2023

COMISSÃO EXAMINADORA

Doutora Letícia Queiroz de Carvalho
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes Membro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

Doutora Marisol Barenco Corrêa de Mello Universidade Federal Fluminense - UFF Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

AGRADECIMENTOS

Ao Geovane, marido e amigo, pelo apoio incondicional.

À Capes, pelo financiamento desta pesquisa, o que possibilitou minha capacitação profissional.

Aos colegas de turma que, mesmo a distância, sempre foram apoio, especialmente Bruno Henrique Castro de Souza, por sua amizade e solicitude. O caminho foi longo, mas não soltamos a mão de ninguém. Juntos até aqui.

Aos alunos da 5ª e da 6ª etapas da EJA, que foram receptivos e contribuíram para a pesquisa, respondendo sempre com boa vontade.

Agradeço ao amigo Isalém Ângelo, pelas conversas que sempre me ensinaram algo positivo.

À amiga Silvia, mais que uma amiga, uma irmã. Dividiu seu precioso tempo comigo e compartilhou suas experiências enquanto ex-mestranda do Profletras.

À minha mãe que, quando foi necessário, cuidou dos meus filhos para que eu pudesse me dedicar à pesquisa.

Ao corpo docente do Profletras, do Ifes *campus* Vitória, especialmente à professora Dr.ª Letícia Queiroz, por toda sua coragem e dedicação. Lutou para que pudéssemos iniciar nossos estudos, sempre nos incentivou com muito carinho e palavras de apoio e se tornou uma referência para mim.

À professora Dr.ª Priscila Chisté, por suas orientações, por sua maneira leve de conduzir nossos trabalhos, por sua generosidade e pelo apoio em todos os momentos. Fez com que eu me sentisse segura e capaz.

À professora Dr.ª Marisol Barenco, por sua generosidade e contribuição para a pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que não soltaram a minha mão.

Vivendo se aprende, mas o que se aprende, mais, é fazer perguntas maiores.

Guimarães Rosa

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar, compreender e verificar, junto aos estudantes da 5° etapa da EJA, como os quadrinhos da Laerte, em diálogo com os poemas de Quintana, podem despertar a responsividade nos educandos de tal etapa educacional. Tratou-se de uma pesquisa dialógica, ancorada teoricamente nos preceitos de Bakhtin (2020), com ênfase no dialogismo, na polifonia, na alteridade e na responsividade. Ademais, apoiamo-nos em Cândido (2005) e Goldstein (2006). A partir da pesquisa, elaboramos um produto educativo em formato de *e-book,* com proposição de atividades que suscitaram respostas, pois dialogou com as individualidades encontradas em sala de aula, além de ter subsidiado a leitura e compreensão dos poemas de Mário Quintana e dos quadrinhos da Laerte.

Palavras-chave: Dialogismo. Histórias em Quadrinhos. Poesia. Responsividade. Tempo.

ABSTRACT

The research aimed to analyze, understand and verify with students of the 5th stage of EJA how Laerte's comics in dialogue with Quintana's poems can awaken responsiveness in students of such educational stage. It was a dialogic research, theoretically anchored in the precepts of Bakhtin (2020), with emphasis on dialogism, polyphony, alterity and responsiveness. Furthermore, we rely on Cândido (2005) and Goldstein (2006). Based on the research, we developed an educational product in e-book format with a proposition of activities that elicited responses, as it dialogued with the individualities found in the classroom, in addition to having subsidized the reading and understanding of poems by Mário Quintana and the Laertes comics.

Keywords: Dialogism. Comics. Poetry. Responsiveness. Time.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Salvador Dalí, “A persistência da memória”, 1931, Museu de Arte Moderna, Iorque 42
Figura 2 - GOYA, Francisco de. Saturno (Cronos na mitologia grega) devorando seus filhos, 1819 – 1823. Museu del Prado 43
Figura 3 - Tirinha da Laerte em prova da PUC 46
Figura 4 - Tira em quadrinhos de Jim Davis 47
Figura 5 - Exemplo de balão-berro 49
Figura 6 - Exemplo de balão do pensamento 49
Figura 7 - Exemplo de apêndice 50
Figura 8 - Exemplo de outro modelo de apêndice 50
Figura 9 - Exemplo de legenda 51
Figura 10 - Exemplo do uso da letra em negrito 51
Figura 11 - Personagem como indicador de tempo 53
Figura 12 - Capa do livro Manual do Minotauro (2021) 54
Figura 13 - Capa do livro Ilustração Sindical (1986) 55
Figura 14 - Tempo 1 57
Figura 15 - Tempo 2 59
Figura 16 - Tempo 3 61
Figura 17 - Vida 63
Figura 18 - Escola “Bernardo Horta” 77
Figura 19 - Biblioteca escolar 78
Figura 20 - Nuvem de palavra 81
Figura 21 - Vida 87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descritor “História em Quadrinhos” 20
Quadro 2 – Pesquisas com descritor “Laerte” 24
Quadro 3 – Pesquisa com descritor “Mario Quintana” 27
Quadro 4 - Encontros e temas das aulas ministradas para a pesquisa 79
Quadro 5 - Questionário aplicado aos alunos 80
Quadro 6 - Respostas dos alunos ao questionário.....82
Quadro 7 - Respostas dos alunos.....84
Quadro 8 - Respostas dos alunos.....85
Quadro 9 - Respostas dos alunos.....86
Quadro 10 - Respostas dos alunos.....87
Quadro 11 - Respostas dos alunos.....88
Quadro 12 - Respostas dos alunos.....89
Quadro 13 - Respostas dos alunos.....89
Quadro 14 - Respostas dos alunos.....90
Quadro 15 - Respostas dos alunos.....91
Quadro 16 - Respostas dos alunos.....92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 REVISÃO DA LITERATURA 20
2.1 PESQUISAS SOBRE O GÊNERO QUADRINHOS 20
2.2 PESQUISAS SOBRE OS QUADRINHOS DA LAERTE 24
2.3 PESQUISAS SOBRE OS POEMAS DE MÁRIO QUINTANA 26
3 REFERENCIAL TEÓRICO 30
3.1 CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN 30
3.1.1 Enunciado 32
3.1.2 Gêneros Discursivos 33
3.1.3 Dialogismo 34
3.1.4 Polifonia 35
3.1.5 Alteridade 36
3.1.6 Responsividade 37
3.2 O TEMPO NA VIDA 38
3.3 O TEMPO NA ARTE 42
3.4 O GÊNERO QUADRINHOS 46
3.4.1 A verbo-visualidade nos quadrinhos 48
3.5 OS QUADRINHOS DA LAERTE 54
3.6 O TEMPO NOS QUADRINHOS 56
3.7 O TEMPO E OS POEMAS DE QUINTANA 65
3.8 A CONTRAPALAVRA 72
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA 75
4.1 ETAPAS DA PESQUISA 75
4.2 A UNIDADE ESCOLAR 76
5 ANÁLISE DOS DADOS 79
6 O PRODUTO EDUCACIONAL 94
6.1 VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL 96
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 98
REFERÊNCIAS 102
APÊNDICE A - ATIVIDADES APLICADAS 107

APÊNDICE B - FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL 109

1 INTRODUÇÃO

É estranho e interessante começar a pensar e a escrever sobre nossa trajetória de vida. Pelo que me lembro, nunca parei para repensar meus passos e minhas realizações enquanto ser humano e é impossível não me recordar sem me emocionar.

Meu nome é Daize Miranda Oliveira Souza, sou filha de Eliandro Fidelis de Miranda e Nailza de Fátima Miranda. Ele, pedreiro, ensinou-me a entijolar a vida. Ela, doméstica, ensinou-me a organizar e cuidar da vida. No ano de 1987, nasci em Manhumirim, Minas Gerais, mas fui criada em Pequiá, Espírito Santo, no “interior do interior”.

Lá, frequentei a única escola pública do lugar, onde ingressei aos 4 anos e tive a melhor tia de pré-escolar que alguém poderia ter, tia Marilza. Ah! Tinha também a madrinha Aparecida, uma merendeira amorosa, que fazia massinha de farinha de trigo para brincar conosco nas aulas de recreação, e isso tornava tudo perfeito. Minha mãe conta que se eu faltasse um dia da escola o choro era certo. Foi então que comecei minhas aventuras pelo mundo das letras. Aprendi a ler bem rápido e me destaquei entre meus colegas.

Ademais, ela relata que de nossa casa dava para ver, passando no asfalto, um caminhão amarelo com o letreiro vermelho, o caminhão da Garoto (a fábrica de chocolates). Ele sempre passava pela rodovia que corta o distrito onde eu morava, a BR 262. Essa teria sido a primeira palavra. Naquele momento, eu tinha aprendido a ler. Na verdade, só decorei que no caminhão amarelo estava escrito “Garoto”, porque meus pais apontavam para ele e diziam:

- Olha lá, minha filha, o caminhão da “Garoto”!

Toda vez era a mesma história. Então, eu fingia ler:

- GA-RO-TO.

Meus pais ficavam orgulhosos, afinal a princesinha deles sabia ler, e todos se sentiam felizes. Eram beijos e abraços afetuosos. Todos se inebriavam com aquela sensação boa que só tem aquele que participa do processo de aquisição da leitura do filho. Que coisa boa lembrar esses momentos!

Logo, logo, o “pré” deixaria de ser lugar para minhas leituras. Os rabiscos e os pontilhados não tinham mais espaço na minha cabecinha, precisava de letra de verdade, já “atrapalhava” meus colegas e a professora. Só queria saber de ensinar meus colegas, não sossegava em sala de aula. Foi assim que me “passaram” para o primeiro ano, antecipando uma etapa em minha rotina escolar.

Dali para frente foi só alegria. Estudava direitinho e lia muito durante o recreio. Minha mãe e meu pai ficavam felizes com cada descoberta. Além disso, ela nunca deixava que eu fosse para escola sem cumprir algum dever de casa. Mesmo sem estudos, ela cuidava para que eu concluísse os meus.

Terminei o ensino fundamental e o ensino médio sem problemas, mas quando chegou o momento da faculdade foi difícil. Tanto para meu pai quanto para minha mãe. Achavam a faculdade desnecessária e que não teriam condições de pagar. Tentar uma universidade federal e ir para a cidade grande, nem pensar.

Assim, com muita luta, consegui um emprego e entrei na faculdade particular. Formei-me professora, sem querer, mas ao menos cursei uma faculdade.

Namorei, durante o período todo da faculdade, um rapaz de outro município, que me apoiava, não era machista e aceitava minha escolha de nos casarmos apenas quando a faculdade terminasse, mas o amor falou mais forte e a saudade doía. Decidimos nos casar em setembro de 2007, já que a faculdade terminaria em dezembro do mesmo ano.

Casei-me em setembro de 2007, terminei a faculdade em dezembro e em fevereiro de 2008 fui aprovada no primeiro concurso que prestei, para preencher a única vaga de Língua Portuguesa que existia na escola localizada ao lado da minha casa, a “EEEFM Bernardo Horta”. Apesar de ter feito a faculdade de Letras por não possuir meios de cursar a faculdade que eu desejava, com a aprovação no concurso, preferi acreditar que tinha que passar por aquilo e abracei a oportunidade. Dessa maneira, entendi que eu teria um propósito como professora.

Início de casamento, cidade nova e com trabalho garantido, eu não poderia desperdiçar o momento.

Comecei a trabalhar, fui aprendendo a prática da sala de aula, adaptando-me às mudanças e crescendo profissionalmente, mas entrar para um Mestrado era algo impensado, acreditava que esse nível de estudo seria muito restrito no interior. Eu só conhecia o Mestrado acadêmico. Mas, em 2017 ou 2018, não me lembro bem, conheci o Profletras, programa no qual o professor estudante deveria desenvolver um produto educacional voltado para a prática de sala de aula. Era exatamente nisso que eu acreditava, era disso que eu precisava. Desde então, comecei a me preparar. Em 2020, na última semana antes de fecharem as escolas e comércios por conta da pandemia de Covid-19, realizei a prova de ingresso, em um domingo, no dia 15 de março. No ano de 2020, o programa havia disponibilizado o menor número de vagas entre todos os anos, no entanto uma tinha sido reservada para mim.

Tenho convicção de que cada minuto dedicado ao estudo, especialmente quando somos professores, faz toda diferença e que os alunos merecem isso. Só a capacitação profissional de qualidade pode promover mudanças na postura do professor em sala de aula e garantir ao estudante um percurso educacional mais adequado à realidade.

Hoje, após 13 anos de carreira, encontro-me no chão da sala de aula, mas fora do sistema, o que causa desconforto, inconformidade e um grande vazio. Uma maneira de tentar preencher esse vazio foi a busca pelo Mestrado, como forma de ampliar a visão teórica e melhorar a prática docente.

Uma segunda forma de tentar preencher esse vazio é buscando por metodologias inovadoras, que propiciem aos meus estudantes uma maneira diferente de enxergar a leitura. Considero que o uso do gênero quadrinhos é muito adequado, uma vez que seus elementos verbo-visuais fomentam uma prática leitora responsiva, a qual buscaremos aprofundar nos conceitos de Bakhtin (2011). Por tal motivo, sempre trabalhei quadrinhos em sala de aula, algumas vezes de maneira incompleta (o uso do texto como pretexto), outras vezes de forma mais assertiva, por meio de atividades interativas. Importante lembrar: sempre de modo apaixonado.

Nesse contexto, é relevante destacar o quão diversificado e rico pode ser um trabalho tendo o gênero quadrinho como foco: análises das imagens, das cores, escolha dos tipos de letras, formato dos quadrinhos, diálogo, humor e crítica, por vezes velada,

outras nem tanto. Enfim, pode-se desenvolver um trabalho desde o nível superficial até o mais aprofundado, a depender do objetivo pretendido.

Ainda que a escola onde trabalho não possua bom acervo de quadrinhos, tal fato nunca foi uma barreira, pois, nascida já em século tecnológico, pesquiso vasto material que pode ser encontrado na *internet* e, diferentemente de outras unidades, tenho facilidade para imprimi-lo na escola.

Dessa forma, sem deixar de lado a leitura literária, tivemos a ideia de aliá-la ao estudo dos quadrinhos, em uma perspectiva dialógica, ou seja, aquela que valoriza a interação entre os falantes, por meio de discursos. Uma pesquisa com gêneros distintos, mas igualmente importantes na formação do leitor responsivo.

Assim, trabalhar com a Laerte, quadrinista viva e que apresenta extensa e significativa produção, é algo especial. Ainda hoje, ela publica diariamente na Folha de São Paulo. Sua produção é muito viva e atual, excelente para discussões engajadas e ao mesmo tempo bem-humoradas. Alguns desses quadrinhos relacionam-se a poemas. Há um diálogo com produções de poetas como Shakespeare, Camões, Olavo Bilac e Mário Quintana. Dentro desse rol de autores, elegemos os quadrinhos da Laerte que dialogam com os poemas de Mário Quintana, pois consideramos que esses textos têm potência para serem explorados com o estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA), já que esse é o nosso público-alvo.

Quanto ao tema, observamos que os quadrinhos que dialogam com os poemas de Quintana abordam a efemeridade do tempo, temática essa estritamente relacionada à turma escolhida para o desenvolvimento da pesquisa. É possível dizer ainda que a experiência, a memória e a história também podem ser percebidas ao longo do trabalho, e é bem provável que outros temas sejam encontrados pelos sujeitos leitores.

Ao pensar nos estudantes da EJA, é impossível não lembrar que são sujeitos da experiência, ou seja, dotados de muitos conhecimentos a serem compartilhados.

Para os sujeitos que integram a Educação de Jovens e Adultos, consideramos que a efemeridade do tempo é uma discussão importante, pois eles devem analisar o período em que passaram afastados da escola, por exemplo, com desafios talvez maiores do que os enfrentados por aqueles que estudam em tempo regular. Em

contrapartida, estudantes da EJA se apresentam em sala de aula com uma bagagem diversa daqueles das classes regulares, porque já adquiriram outras experiências que podem enriquecer o aprendizado – tanto no sentido de que muitos (ou a maioria) já são trabalhadores e não conseguem se dedicar exclusivamente aos estudos quanto pelo tempo necessário para a assimilação de certos conteúdos, identificados pela defasagem idade/série. Assim, o tempo do aluno da EJA não é o mesmo do jovem de uma classe regular, nem o tempo, nem a experiência.

Não podemos deixar de citar que os estudantes da modalidade EJA normalmente cursam duas séries ao longo de um ano, ou seja, não bastassem todos as dificuldades mencionadas, eles têm que se esforçar em dobro para aprender com o máximo de qualidade possível, sob pena de carregarem uma defasagem ao longo de toda carreira estudantil e também profissional.

Com base nesse cenário, entendemos que todo minuto em sala de aula deve proporcionar ao aluno o contato com as diversas leituras. A leitura de poemas não faz parte do cotidiano da maioria desses alunos e pode parecer que os quadrinhos são mais acessíveis. No entanto, nas cidades do interior mal se tem acesso a um jornal local impresso, quem dirá a um jornal de grande porte, como a Folha de São Paulo, suporte dos principais quadrinhos de Laerte, mesmo estando a Folha em ambiente *on-line,* a preço módico. Portanto, fica evidente a pertinência de refletirmos sobre a temática do tempo com os jovens. Assim, a escola pode ser o melhor lugar de apreciação de ambos os gêneros e de estímulo à valorização desse tipo de conhecimento.

Outrossim, minha experiência como professora e pesquisadora também me leva a entender que há a necessidade de trabalhar tanto gêneros mais próximos dos alunos quanto os clássicos, desde que em uma perspectiva dialógica. A escolha de quadrinhos e poemas se baseia em tal entendimento.

Além do mais, Bosi (1977, p. 111) nos lembra que “[...] a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência”, o que dialoga diretamente com alunos da EJA, os quais exigem que tenhamos um olhar particular quando falamos sobre leitura. Normalmente, esse público não teve oportunidade de estudar e é exposto diariamente apenas a textos do cotidiano, como panfletos, notícias, receitas.

Dessa forma, quadrinhos e poemas seriam uma boa alternativa, uma ampliação desse repertório, uma maneira de recuperar parte do tempo que ficou para trás e de ressignificar o tempo que ainda está por vir. E também uma forma de garantir o que está previsto em Lei, já a que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/96) determina que alunos da modalidade EJA tenham oportunidades de aprendizado apropriadas, levando em consideração suas especificidades.

Desse cenário emerge um questionamento: como o diálogo entre os quadrinhos da Laerte e os poemas de Quintana pode contribuir para a formação do leitor responsivo da EJA a partir do tema efemeridade do tempo?

Em tese, podemos supor que esse diálogo seja bastante promissor, tendo em vista as possibilidades de respostas que podem ser suscitadas. É possível deduzir que os quadrinhos da Laerte (com seu discurso verbo-visual, sua crítica bem colocada) e os poemas de Quintana (com a temática sobre o tempo e com seu trato delicado com as palavras) façam emergir muitas respostas, as quais procuraremos despertar nos alunos da EJA. Ademais, espera-se com a pesquisa ampliar o repertório de gêneros apreciados por esse público. Contudo, faz-se necessária uma investigação mais aprofundada. Nesse sentido, delimitamos o seguinte objetivo geral para esta pesquisa: compreender como o diálogo entre os quadrinhos da Laerte e os poemas de Quintana podem contribuir para a formação do leitor responsivo, estimulando a leitura crítica e a resposta sobre o tema: a efemeridade do tempo.

Como modo de alcançar o objetivo geral desta proposta, delimitamos algumas ações investigativas:

- analisar as contribuições dos quadrinhos e dos poemas que versam sobre o tempo, por meio da mediação em oficinas interventivas a serem aplicadas em uma série da EJA, da rede pública estadual no município de Irupi, Espírito Santo;
- verificar como os quadrinhos da Laerte, em diálogo com os poemas de Quintana, na perspectiva da linguagem verbo-visual, podem ser utilizados em sala de aula, promovendo a reflexão crítica no espaço escolar;

- elaborar um produto educacional, em formato de *e-book*, a partir de intervenção proposta e, posteriormente, avaliar, reelaborar, validar e compartilhar tal recurso educativo.

Desse modo, esperamos alcançar nossos objetivos, ainda que surjam desafios, na tentativa de contribuir para a formação de alunos mais conscientes e engajados na sociedade, com maior capacidade de resposta e posicionamento diante das situações do cotidiano.

Para tanto, como modo de organizar este trabalho de pesquisa, no capítulo 2, apresentamos a revisão de literatura, dialogando com diversas pesquisas que contemplam temáticas semelhantes às nossas. Já no capítulo 3, encontram-se os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin e de Norma Goldstein. Em seguida, trazemos o percurso metodológico, que aborda a metodologia que utilizamos, o *locus* da pesquisa e os sujeitos envolvidos. Na sequência, apresentamos a análise dos resultados e nossas considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A presente pesquisa foi elaborada com base no trabalho com textos verbo-visuais, quadrinhos e poemas, a partir de inquietações em relação ao trabalho com esses gêneros textuais, especialmente nas etapas da EJA. Promover atividades e análises acerca desses gêneros tão distintos visa levar o estudante da EJA a compreender como o diálogo entre quadrinhos da Laerte e os poemas de Quintana pode contribuir para a formação do leitor responsivo, estimulando a leitura crítica e as reflexões a partir do tema: a efemeridade do tempo.

Para isso, é fundamental que se conheçam as pesquisas já desenvolvidas sobre o uso dos quadrinhos em sala de aula e sobre os poemas de Quintana. Assim, recorremos a bancos de dissertações e teses, como o *site* do Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), o repositório virtual da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Elencamos as dissertações analisadas por meio de descritores, tais como “Histórias em Quadrinhos”, “Quadrinhos”, “Laerte” e “Mário Quintana”.

2.1 PESQUISAS SOBRE O GÊNERO QUADRINHOS

Tendo em vista o objetivo de encontrar pesquisas que dialoguem com a nossa, iniciamos a busca de trabalhos que contemplassem o descritor “História em Quadrinhos” no *site* do Profletras. Dos 35 títulos das dissertações defendidas que apareceram na nossa busca, 10 deles se aproximavam da nossa proposta. Após leitura mais atenta dos resumos, selecionamos três trabalhos que se relacionam mais ao nosso objetivo de pesquisa.

Quadro 1 - Descritor “História em Quadrinhos”

Pesquisa	Instituição	Resumo
“Histórias em quadrinhos do Universo Macanudo: Um caminho para a formação de leitores críticos” (ANA CAROLINA LANGONI, 2016).	Instituto Federal do Espírito Santo	Investigar possíveis contribuições para minorar no espaço da sala de aula manifestações de machismo arraigado.

“Violência contra as mulheres: Contribuições dos quadrinhos de Henfil para a formação do leitor crítico na escola” (GIOVANA CARROZINO WERNECK, 2018).	Instituto Federal do Espírito Santo	Compreender como as discussões sobre violência contra mulheres, mediadas pelos quadrinhos de Henfil, poderiam contribuir para a formação do leitor crítico, estimulando-o a atuar responsivamente em interlocuções voltadas para aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos, envolvidos nessa temática.
“Viver dói: contribuições dos quadrinhos de Chiquinha na formação do leitor responsivo” (FLÁVIA RANGEL PIMENTA CASTELIONE, 2020).	Instituto Federal do Espírito Santo	Discutir temas como machismo, feminismo e violência contra a mulher por meio das tirinhas de Chiquinha.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Langoni (2016) elaborou a dissertação intitulada *Histórias em quadrinhos do Universo Macanudo: um caminho para a formação de leitores críticos*, buscando compreender como a utilização sistematizada dos quadrinhos do Universo Macanudo, sob forma de material educativo, pode contribuir para a formação do leitor crítico. Nesse sentido, apoiou-se nos conceitos bakhtinianos de linguagem, dialogismo e responsividade. Seu aporte teórico coincidiu com o de nossa pesquisa, tendo em vista que também ocorreu à luz de conceitos de Bakhtin.

Para atender às exigências do Mestrado Profissional em Letras, procurando utilizar metodologia com participação ativa do pesquisador e de todos os envolvidos no processo, Langoni (2016) optou pela pesquisa colaborativa. Dessa maneira, procurou, até mesmo pela metodologia adotada, a ampliação da análise crítica dos participantes da pesquisa, ou seja, durante todo o processo, houve diálogo entre pesquisador e participante e a construção conjunta do conhecimento. Sua pesquisa corrobora a nossa visão de que o gênero quadrinhos é potente no que diz respeito à formação de leitores. No entanto, explora a indústria cultural, um aspecto que não nos é caro.

A autora procurou compreender como a utilização sistematizada sob a forma de material educativo das histórias em quadrinhos do Universo Macanudo poderia contribuir para a formação do leitor crítico. Em suas considerações, ela entendeu que seu objetivo foi alcançado.

Ainda segundo Langoni (2016), os alunos foram ativos e problematizaram sobre questões relevantes da sociedade, interagiram, pensaram em soluções para problemas apontados e até colocaram em prática os conhecimentos dos quais se apropriaram nas oficinas. Ademais, a autora evidenciou que os alunos tiveram uma atitude responsiva ativa (BAKHTIN, 1997) diante dos textos, refletindo e dando uma resposta a eles.

A segunda dissertação que escolhemos é a de Werneck (2018), intitulada *Violência contra as mulheres: contribuições dos quadrinhos de Henfil para a formação do leitor crítico na escola*. A pesquisa teve como objetivo compreender como as discussões sobre violência contra mulheres, mediadas pelos quadrinhos de Henfil, poderiam contribuir para a formação do leitor crítico, estimulando-o a atuar responsivamente em interlocuções voltadas para aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos envolvidos nessa temática.

Para alcançar tais objetivos, Werneck (2018) se apoiou nas teorias de Bakhtin que versam sobre dialogismo e polifonia. Para seu aporte teórico, também utilizou a pesquisa de Falila (2016) sobre a formação do leitor crítico na escola. Além disso, lançou mão de Ramos (2014) e Vergueiro (2014) no campo da arte sequencial e dos quadrinhos, com ênfase na linguagem verbo-visual, no humor e na indústria cultural. Nota-se ainda que ela investigou a trajetória artística de Henfil a partir de Bremmer e Roodenburg (2000) e outros como Travaglia (1990).

A pesquisadora opta por usar como metodologia a pesquisa qualitativa que, além de atender às exigências do Mestrado Profissional, também valoriza as percepções individuais dos sujeitos envolvidos, valoriza a interação entre as partes, o que contribui para a construção coletiva do conhecimento. Werneck (2018) considerou que seu objetivo de compreender como as discussões sobre violência contra as mulheres, mediadas pela linguagem verbo-visual dos quadrinhos de Henfil poderiam contribuir para a formação do leitor crítico foi alcançado. Segundo ela, as atividades realizadas produziram reflexões sobre a prática social e a esperança em mudanças protagonizadas pelos próprios alunos.

Werneck (2018) ainda ressaltou que a leitura dos quadrinhos de Henfil mantém vivos ideais e valores, pois sua leitura leva à discussão sobre violência contra mulheres,

assim como leva a abordagens sobre respeito, empatia, responsabilidade e responsividade. Assim como nossa pesquisa, o aporte teórico baseia-se em Bakhtin e no foco da formação do leitor responsivo. Nossa dissertação também abordará o conceito de dialogismo cunhado por Bakhtin.

A dissertação de Werneck (2018) ainda explorou os quadrinhos como um recurso de contribuição para a formação do leitor, ideia também presente em nossa pesquisa. Da mesma forma que ela lança mão dos quadrinhos de Henfil para a formação de leitores responsivos, lançaremos mão dos quadrinhos da Laerte. No entanto, distanciamo-nos em relação ao tema, já que Werneck (2018) retrata a violência contra a mulher, enquanto nós delimitamos como temática a efemeridade do tempo, retratada nos quadrinhos da Laerte e nos poemas de Quintana. É relevante mencionar que a dissertação de Werneck (2018) estudou apenas o gênero quadrinho para a formação do leitor, diferentemente da nossa, que aborda, além do gênero quadrinho, o gênero poema.

A terceira dissertação escolhida data de 2020, *Viver dói: contribuições dos quadrinhos de Chiquinha na formação do leitor responsivo*, de Flávia Rangel Pimenta Castelione, que enxergou nas tirinhas de Chiquinha uma potência para a discussão de temas como machismo, feminismo e violência contra a mulher. Para tanto, a autora se propôs a problematizar o machismo a partir dos quadrinhos de Chiquinha, conscientizando as crianças sobre o apagamento da mulher enquanto sujeito. Dessa forma, Castelione (2020) teve como objetivos analisar o potencial responsivo dos quadrinhos de Fabiane Langona, quadrinista e cartunista brasileira, estimulando o debate sobre machismo e sobre violência contra a mulher.

Estudar os conceitos bakhtinianos como contribuição para compreensão da linguagem verbo-visual e para formação de leitores responsivos também foi uma tarefa de Castelione (2020). Ela utilizou a pesquisa teórico-empírica, já que a proposta pedagógica é dialógica e teórica e busca tecer diálogos entre os quadrinhos da artista e a teoria bakhtiniana.

A pesquisadora afirma que seus objetivos foram atingidos, já que conseguiu problematizar o machismo a partir dos quadrinhos de Chiquinha. Ela também ressalta que as obras de Chiquinha trouxeram um novo ânimo e esperança e que conferiram

à proposta pedagógica leveza e beleza artística para tratar de um tema tão delicado como a violência contra mulher.

Essa última pesquisa também aborda a formação do leitor pelo viés da responsividade, à luz de Bakhtin. No entanto, para a construção de sua pesquisa, Castelione lançou mão de outros conceitos diversos dos nossos, como a carnavalização.

De modo geral, as três dissertações nos levam a pensar que os quadrinhos devem fazer parte das aulas de Língua Portuguesa, pois se trata de um gênero muito rico, tanto em relação a seu aspecto verbo-visual quanto em relação às importantes respostas que eles fazem surgir, já que retratam muitos temas sociais, atuais e próximos dos estudantes. Assim, com base na revisão de literatura realizada, fica evidente também que o mundo dos quadrinhos e dos poemas nos oferece inúmeras possibilidades para o trabalho em sala de aula, sempre enriquecendo o repertório dos jovens e os estimulando de forma responsiva.

2.2 PESQUISAS SOBRE OS QUADRINHOS DA LAERTE

No catálogo de teses e dissertações, quando pesquisamos pela expressão “Laerte quadrinista”, encontramos 12.294 respostas. Dessas, lemos 30 títulos, dos quais 10 foram selecionados para leitura dos resumos, resultando na escolha de duas dissertações para estabelecer um paralelo com nossa pesquisa.

Quadro 2 – Pesquisas com o descritor “Laerte”

Pesquisa	Instituição	Resumo
“Subversão em três quadros: padrões de intenção na obra de Laerte Coutinho” (DIOGO GUEDES DA FONSECA, 2013)	Universidade Federal de Pernambuco	Abordar a produção em tiras do quadrinista Laerte Coutinho a partir de 2004, quando o autor passou a buscar a subversão de convenções do espaço, normalmente apenas humorístico.
“Quadrinho como labirinto: uma descrição interpretativa das tiras do blog manual do minotauro sob a ótica da poética do imaginário” (RAIMUNDO CLEMENTE LIMA NETO, 2014)	Universidade de Brasília	Estudar, sob um viés poético, as tiras produzidas pela quadrinista Laerte Coutinho durante os anos de 2008 e 2010 – as chamadas tiras livres.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

A primeira dissertação escolhida foi a de Fonseca (2013), intitulada *Subversão em três quadros: padrões de intenção na obra de Laerte Coutinho*. Em tal dissertação, Fonseca (2013) pretendia analisar os padrões de intenção na obra da Laerte, a partir de 31 tiras, colhidas no mês de agosto de 2010. Esse mês foi escolhido por Laerte falar em público pela primeira vez sobre a sua transgeneridade.

Para entender esses padrões de intenção, Fonseca (2013) utilizou como aporte teórico Baxandall, apresentando os principais conceitos da análise do historiador galês e mostrando como eles podem ser utilizados para que se entenda a intenção de uma obra. Fonseca (2013) constatou em sua dissertação que, a partir daquele momento, quando Laerte fala a primeira vez sobre sua transgeneridade, há uma ruptura na produção dela. Ademais, ele demonstra em sua pesquisa que vários aspectos sugerem essa vontade da autora de desconstruir o estabelecido no espaço dos quadrinhos, como se houvesse um contrato implícito entre a quadrinista e seus leitores, havendo uma necessidade de ambas as partes criarem e lerem algo novo. Uma novidade que enfrenta consequências e estabelece diálogos. O humor, que antes era a moeda de troca para o leitor, agora abre espaço para novas formas de tira, histórias surreais, ironias com a própria estrutura. Segundo Fonseca (2013), o abandono da obrigatoriedade do humor, que foge do formato normal, alcançou novos leitores e levou outros autores a copiá-la.

Sob essa perspectiva, é possível que a mais interessante de todas as suas constatações seja o fato de que essa mudança é uma resposta para toda insatisfação com modelos já estabelecidos, assim como para a insatisfação com a própria vida, como se Laerte fizesse do próprio corpo e da própria vida uma obra, tanto que Fonseca (2013) chega a mencionar que não seria exagero afirmar que Laerte é também “obra da Laerte”. Seria a resposta da Laerte ao mundo. Mesmo com tantas constatações, Fonseca (2013) afirma que sua dissertação passa longe de esgotar o tema da obra e da vida do autora.

Com uma abordagem diferente da nossa, em uma área distinta e com aporte teórico bastante diverso, Fonseca (2013) apresentou detalhadamente a maneira como Laerte concebe seus quadrinhos, o que é de grande valia para nosso trabalho, assim como também abordou detalhes específicos do gênero, o que nos auxilia em nossa dissertação.

A segunda dissertação escolhida foi *Quadrinho como labirinto: uma descrição interpretativa das tiras do Blog Manual do Minotauro sob a ótica da poética do imaginário* (LIMA NETO, 2014). O autor buscou contribuir para a discussão contemporânea sobre o desequilíbrio das tensões entre subjetividade e objetividade no campo da comunicação, por meio da identificação de uma poética particular de um meio relativamente simples, a tira de quadrinhos.

Para realizar sua pesquisa, Lima Neto (2014) buscou apoio das teorias do filósofo Villém Flusser, em Gilbert Durand e nas ideias da filósofa María Zambrano. O pesquisador conclui que há poética nas tiras de quadrinhos. Ainda que não seja inerente a elas, a poesia se realiza num cruzar de limites. Ele deixa claro que a liberdade para se criar uma tira nem sempre existiu, pois havia muitas restrições e padronizações de fundo mercadológico que cerceavam a criatividade dos quadrinistas. No entanto, com a contemporaneidade, alguns autores conseguiram enxergar além dos quadrinhos que constituem a tira e exercer a liberdade proporcionada pela contemporaneidade, explorando outras vertentes do gênero que antes não eram possíveis. Laerte foi um desses autores que enxergou tal liberdade.

Assim como Fonseca (2013), Lima Neto (2014) também entendeu que, ao renovar seus quadrinhos, Laerte renova a si própria. O autor diz até que Laerte seria um "quadrinhomem", uma criatura que é ser humano por fora e quadrinhos por dentro. Ele também afirma que sua dissertação é um esforço de interpretação que não conseguiu, e nem pretendia, abarcar toda a carga simbólica das tiras-poema da Laerte.

Mesmo que a pesquisa de Lima Neto (2014) tenha mais aspectos distintos, pois abordou as tiras da Laerte por meio de uma temática diferente da nossa e por meio de teóricos de áreas distintas dos teóricos que utilizamos, a pesquisa corrobora a visão da importância da obra da Laerte e de seu viés poético, o que dialoga com nossa pesquisa e valida nossa busca por esmiuçar um pouco mais a obra de uma autora tão icônica e sensível como Laerte.

2.3 PESQUISAS SOBRE OS POEMAS DE MÁRIO QUINTANA

Também procuramos dialogar com outros mestres por meio do descritor "Mário Quintana". No repositório da BDTD, quando pesquisamos o descritor, encontramos

48 resultados. Após a análise e leitura dos resumos das dissertações, separamos duas para dialogar com nossa pesquisa.

Quadro 3 – Pesquisa com descritor “Mario Quintana”

Pesquisa	Instituição	Resumo
“O gosto do nunca e do sempre: um estudo sobre o tempo e o espaço na poesia de Mário Quintana” (MARÍLIA CORREIA MACHADO, 2004)	Universidade Federal de Santa Catarina	Analisar as manifestações do tempo e do espaço na poesia de Mário Quintana sob a perspectiva de personagens recorrentes na obra do poeta, como a criança Lili e os fantasmas
“Labirintos poéticos e enigmas de tempo na poesia de Quintana” (MÔNICA LUIZA SOCIO FERNANDES, 2007).	Universidade de São Paulo	Estudar a poética de Quintana tendo como base a Literatura comparada e a Teoria Literária voltando-se para as relações da Literatura com ela mesma e com outros campos do saber. Visa também compreender a dimensão simbólica do tempo retratado tanto na poesia como na pintura. Investiga também as relações entre Antônio Nobre, Camões e Quintana no que se refere à temática “tempo”, assim como pesquisa as inter-relações entre Quintana e Van Gogh.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

A primeira dissertação escolhida foi *O gosto do nunca e do sempre: um estudo sobre o tempo e o espaço na poesia de Mário Quintana* (MACHADO, 2004). Tal dissertação se relaciona a esta pesquisa, pois também abordou a temática do tempo e analisou a noção do tempo na poesia de Quintana sob a perspectiva de personagens recorrentes na obra do poeta, como a criança Lili e os fantasmas. Trata-se de uma investigação de como, no decorrer de sua produção poética, manifestam-se as variações do tempo e espaço.

Perspectiva essa diferente da nossa, já que nossa pesquisa analisa como Quintana retrata o passar do tempo em seus poemas, em diálogo com a maneira como Laerte aborda o passar do tempo em seus quadrinhos. Outro distanciamento da pesquisa de Machado (2004) é que a autora pesquisou como o espaço é retratado nos poemas de Quintana. Tal fato nos mostra o caráter inédito de nossa pesquisa, já que não encontramos outras produções que pesquisam o tempo na obra de Quintana da

mesma maneira que nós, mas as produções também nos ajudam a compreender melhor o tema escolhido por nós, ainda que sob perspectivas diferentes.

Por meio da pesquisa prático-teórica e com auxílio de teóricos como Solange Fiuza Cardoso Yokozawa e Gilberto Mendonça Telles, Machado (2004) conseguiu identificar duas vias de pensamento que se destacam nos poemas de Quintana: as abordagens poéticas sobre o tempo e o espaço. Temas esses referidos por meio de imagens do cotidiano e suas “banalidades”.

A segunda dissertação que selecionamos foi *Labirintos poéticos e enigmas de tempo na poesia de Quintana* (FERNANDES, 2007). A autora escolheu pesquisar por meio do método comparativo. Para tanto, ela utilizou um referencial teórico que possui em comum com o nosso a escolha de Bakhtin. No entanto, outros teóricos foram utilizados como âncora para tal pesquisa, sendo eles Cândido, Bloom, Welek, Ortega y Gasset, Paz e Pound.

Fernandes (2007) escolheu o estudo comparativo, a fim de observar como as obras se iluminam mutuamente, estabelecendo diálogos, sendo as obras escolhidas poemas e pinturas. Para estabelecer tal diálogo, Fernandes (2007) baseou-se na concepção mimética da criação artística. Nossa dissertação também quer demonstrar esse diálogo entre gêneros discursivos diferentes, só que escolhemos os poemas de Quintana e os quadrinhos da Laerte, enquanto a autora estabeleceu paralelos entre Quintana e Van Gogh e entre Quintana e Camões e Antônio Nobre, sempre pelo viés da temática da temporalidade.

O aspecto abordado na pesquisa de Fernandes (2007) é a literatura sendo retratada como forma de resistência, tema este que não é retratado explicitamente em nossa pesquisa, embora possa ser compreendido nas entrelinhas.

Um ponto de distanciamento da pesquisa de Fernandes (2007) em relação à nossa é o fato de ela retratar a intertextualidade entre os gêneros escolhidos por ela, enquanto nós tratamos a interdiscursividade. Faz-se necessária a compreensão e a distinção entre os conceitos e a justificativa de termos escolhido falar sobre interdiscurso e não sobre intertexto.

A intertextualidade, segundo Fiorin (2021), foi uma das primeiras palavras bakhtinianas a ganhar prestígio no Ocidente, antes mesmo de “dialogismo”. Tal palavra pode ser compreendida como o procedimento de construção de um texto baseado em outros textos. Assim, para o autor, a intertextualidade compreende as paródias, as citações, as alusões etc.

O interdiscurso, também de acordo com Fiorin (2021), aparece sob o nome dialogismo, sendo sempre uma relação entre discursos e, por esse motivo, interessamo-nos por interdiscurso e não por intertexto, porque “[...] não temos relação com as coisas, mas com os discursos que lhes dão sentido” (FIORIN, 2021, p. 167).

O que nos interessa discutir em relação aos quadrinhos da Laerte e aos poemas de Quintana é o discurso, a produção de sentido e não o texto como materialização do discurso. Não podemos deixar de mencionar também que, embora Fernandes (2007) tenha estudado o tempo nas obras de Quintana em diálogo com outras obras, ela o abordou de maneira distinta da nossa.

O que nos move em nossa pesquisa é investigar como Quintana e Laerte, em diálogo, retratam o passar do tempo em suas obras, já Fernandes se preocupou em demonstrar como as obras de arte se adaptam a esse passar do tempo, pesquisando sob o viés de uma perspectiva distinta da nossa. É interessante também ressaltar que ainda que a pesquisadora não mencione o termo polifonia em sua pesquisa, fica evidente que ela demonstrou a presença de tal conceito nas obras citadas, tanto que em suas considerações finais afirmou que “[...] a poética de Quintana estabelece um trânsito entre diversas vozes sem minimizar a sua” (FERNANDES, 2007, p. 209).

Assim, ao revisitarmos algumas dessas pesquisas sobre Mário Quintana, fica evidente seu envolvimento com a temática da temporalidade e o interesse de outros pesquisadores por essa abordagem.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Uma vez que o objetivo de nossa pesquisa é a formação do leitor responsivo por meio do diálogo dos quadrinhos da Laerte e dos poemas de Quintana, fez-se necessário nos aprofundarmos em um referencial teórico que abordasse as características estruturais, de estilo e forma dos gêneros quadrinhos e dos poemas, tendo em vista que forma e conteúdo são indissociáveis.

Inferimos que o poema é um gênero literário que possui suas peculiaridades, mas que abre portas para diferentes interpretações e leituras. Sobre esse gênero, dialogamos com Goldstein (2006), que considera o poema como discurso literário no qual a seleção e a combinação de palavras são pautadas não apenas pelo critério da significação, mas também por outros critérios, como o ritmo, o sintático, o sonoro, o decorrente de paralelismos e jogos formais.

Quanto aos quadrinhos da Laerte, tratamos do estudo desse gênero discursivo apontando aspectos históricos e formais, além de considerá-lo como texto verbo-visual.

Para ampliar os estudos sobre esses dois gêneros discursivos imergimos nos conceitos de Bakhtin, nosso principal aporte teórico, considerando suas concepções de linguagem, de viés interacionista, assim como os conceitos de responsividade, dialogismo, polifonia e alteridade.

Em relação à temática efemeridade do tempo, produzimos um subcapítulo sobre o assunto e discutimos o tempo na vida e o tempo na arte.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN

Mikhail Mikhailovich Bakhtin, importante filósofo russo, também se preocupou em analisar o tempo na arte. Compreendido como filósofo, filólogo teórico de literatura e historiador da cultura russa, nasceu em 1895, na cidade de Oriol. Frequentou duas universidades e dominava cinco línguas estrangeiras. Era filho de banqueiros e tinha uma educação erudita.

Após a revolução russa, entre 1918 e 1924, Bakhtin concebeu duas de suas obras que seriam publicadas postumamente: *O autor e o herói na atividade estética* e *A filosofia do ato*. A partir de 1924, dedicou-se aos livros *Freudismo: ensaio crítico*, *Método formal na crítica literária*, *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Problemas da obra de Dostoiévski*. Alguns teriam sido publicados sob o nome de seus amigos: Valentim Volochinov e Pavel Medivedev. Ainda que controversa, tal posição encontra apoio no fato de que Bakhtin morreu quase 40 anos após Volochinov e Medivedev. Assim, quando surgiram hipóteses de que alguns textos pertenciam a Bakhtin e não a Medivedev ou Voloshinov, estes já não se encontravam vivos para responder a tais inquisições.

De 1930 a 1936, ficou exilado no Cazaquistão e, nos próximos 30 anos, dedicou-se à produção de vários escritos sobre a singularidade do gênero do romance e, relacionados com estes, dois ciclos de estudos sobre Goethe e Rabelais.

Em 1960, ele já era estudado na Rússia, especialmente pela obra *Problemas de Dostoiévski*, por meio da qual Bakhtin desenvolveu o conceito de polifonia. Em 1965, foi publicada *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Suas obras foram traduzidas no Ocidente e tiveram uma ótima aceitação. Na França, foi popularizado graças a Tzvetan Todorov e Julia Kristeva.

Seus estudos contribuíram para a concepção de muitos conceitos. O mais disseminado deles é o conceito de polifonia. Ao estudar a obra de Dostoiévski, Bakhtin percebeu que os pontos de vista do autor e do herói se igualavam. Essa igualdade entre autor e herói mostra o caráter dialógico e aberto da linguagem artística, portanto, mostra também sua inconclusibilidade.

A ideia trazida no livro *O homem ao espelho* (2020) exemplifica com clareza essa noção de inconclusibilidade. Ao olhar no espelho, o homem não é capaz de ver o que o outro vê, ele vê apenas a sua imagem, duplicada. Para se enxergar, ele precisa do outro.

Só o outro pode dar acabamento. Bakhtin, em *Estética da criação verbal*, orienta-nos em relação ao acabamento. Segundo ele, a atitude responsiva implica em dois momentos da atividade estética. O primeiro é a compenetração, que pressupõe a vivência do outro, mas também que falta algo que só eu vejo a partir do meu lugar. No

entanto, ao observar um objeto estético, o autor contemplador não consegue enxergar os elementos transgredientes da obra, “[...] elementos exteriores à consciência tal como se pensa do interior, mas necessárias à sua constituição como um todo” (CHISTÉ, 2021, p. 08). O momento da compenetração é quando o autor contemplador está “[…] um pouco mais afastado do horizonte responsivo, mas bem próximo do sujeito que sofre, ou do herói que empreende vitória, ou do desiludido que pretende acabar com a própria vida” (CHISTÉ, 2021, p. 62).

O segundo momento seria o acabamento, fenômeno indispensável para que o ser humano se constitua como um todo, já que esse acabamento só é possível por meio do outro. Desse modo, ninguém vive do próprio acabamento, pois, mesmo ao nos olharmos no espelho, há partes que são inacessíveis a nós. Só o outro consegue enxergar em nós tais partes. De tal modo, evidencia-se que nada no mundo está pronto e acabado, sempre há algo a descobrir ou redescobrir de outra maneira, seja no mundo da arte, seja no mundo da vida.

No mundo da arte, procuramos atribuir sentidos e dar acabamento, no nosso caso, às obras da Laerte e de Quintana. No mundo da vida, podemos abraçar tal conceito ao pensarmos em nossas práticas pedagógicas. Segundo Geraldi (2013), o ato pedagógico tem, de certa forma, algo de estético, pois a todo momento, no chão da sala de aula, é necessário conjugar o tempo passado, o presente e o futuro. Para o autor, uma educação com bases em preceitos bakhtinianos preserva o passado, mas não como um fim em si mesmo, preserva-o comprometida com o futuro.

Ao estabelecermos o diálogo entre os alunos da EJA, as tirinhas da Laerte e os poemas de Quintana, procuramos esse acabamento, respeitando a experiência de nossos alunos como um meio de atribuir sentido às tirinhas e aos poemas de Quintana.

3.1.1 Enunciado

Para Bakhtin (2011, p. 272), “[…] cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”, de modo que o discurso só pode existir mediante enunciados concretos. Ele também nos mostra que esses enunciados sempre se realizam por meio de um gênero discursivo, gênero esse constituído com

base na intenção discursiva do falante e em respeito à sua individualidade e subjetividade. Ainda segundo o pesquisador russo, esses gêneros nos são transmitidos quase que como nossa língua materna e, se tivéssemos que criá-los, nossa comunicação discursiva seria quase impossível. Entende-se, assim, que teríamos uma comunicação textual ou linguística, mas não uma comunicação discursiva carregada de subjetividades e intenções do falante.

Prosseguindo na leitura, conseguimos entender que, para Bakhtin, as palavras em si mesmas não possuem um valor, só quando elas encontram amparo nas intenções expressivas do autor é que passam a valorizar algo. O significado de uma palavra sem referência a uma realidade concreta é algo frio, segundo ele, sem colorido expressivo.

Ademais, o autor se refere ao fato de que as palavras não pertencem a ninguém. Ele entende a palavra como alheia aos outros, cheia de ecos de outros enunciados e, por último, como “minha palavra”, que seria utilizada pelo falante com uma intenção determinada.

Sendo assim, cabe ressaltar que o significado se encontra no discurso e não na palavra em si mesma, e é sob essa perspectiva que vamos desenvolver nossa pesquisa.

3.1.2 Gêneros discursivos

Ao refletirmos os preceitos sobre gêneros de acordo com Bakhtin, entendemos que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem e que o emprego da língua se efetua em forma de enunciados. Cada enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada campo referido, tanto por seu conteúdo quanto pelo estilo da linguagem, por sua construção composicional.

Bakhtin (2011) define os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados. Salienta, ainda, que há uma heterogeneidade desses gêneros, com infinitas e inesgotáveis possibilidades de uso. O pesquisador nos alerta que pode parecer que “[...] a heterogeneidade de gêneros discursivos é tão grande que não há, nem pode haver um plano único para seus estudos” (BAKHTIN, 2011, p. 262). No entanto, ele afirma que a questão dos gêneros nunca foi estudada de fato, pois, desde

a antiguidade, estudavam sobretudo os gêneros literários. Ainda que seja difícil o estudo dos gêneros devido à heterogeneidade, Bakhtin nos mostra que, para compreender essa definição, temos que refletir sobre a diferença essencial entre os gêneros primários e os secundários.

Para o autor, os gêneros primários são mais simples, no entanto, quando integram os complexos, adquirem uma especificidade. Para Bakhtin (2011, p. 263), “[...] não se trata de uma diferença funcional”.

Os gêneros discursivos secundários são frutos de uma de um convívio social mais complexo e organizado. “No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários” (BAKHTIN, 2011, p. 263).

Essa distinção é essencial, porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto se dá por meio de enunciados concretos. “A língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Cabe dizer que os poemas de Quintana e os quadrinhos da Laerte, de acordo com as definições de Bakhtin (2011), encaixam-se na categoria dos gêneros secundários, uma vez que refletem condições específicas de comunicação. Assim, sob forma de enunciados concretos, os poemas de Quintana e os quadrinhos da Laerte integram a vida.

3.1.3 Dialogismo

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin observa que Dostoiévski encena aquilo que é próprio da linguagem: o dialogismo, a linguagem é elemento constituinte e constituído por sujeitos historicamente situados. Dessa forma, o discurso não é individual, pois se constrói entre pelo menos dois interlocutores, em que ambos enunciadores estabelecem relações com os discursos que os precederam e o dialogismo se torna condição fundamental para a construção de sentido do discurso.

Assim, nas atividades comunicativas, não há um apagamento de vozes, mas sim um embate de vozes, uma interação entre discursos. Portanto, ao contrário da ideia de

que o diálogo é algo harmonioso, Bakhtin nos mostra que o diálogo é um lugar de luta, de tensão, em que os sujeitos se constroem na e pela linguagem.

Essa concepção de dialogismo está intrinsecamente relacionada à ideia de discurso, pois o discurso é a linguagem em ação, ele se estabelece por meio das relações sociais, portanto, também na presença do outro.

Os quadrinhos da Laerte e os poemas de Quintana escolhidos para o *corpus* do trabalho são discursos, não individuais, construídos por mais de um interlocutor, a partir dos quais todos os envolvidos nesse diálogo estabelecem relações com discursos anteriores, de forma que, ao entrarem em contato, despertam uma resposta mútua, em uma relação da qual não se sai ileso.

3.1.4 Polifonia

Na década de 20, em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin enxergou o diferencial da obra do autor: a polifonia. Nesse momento ele é classificado como o primeiro grande nome quando se trata de polifonia literária. Para o autor, um texto sempre é constituído de outros textos e, nessa perspectiva, as vozes se mostram e dialogam entre si. Em um texto polifônico, os enunciadores são sujeitos do próprio discurso.

Nessa estratégia discursiva, as vozes se constituem com autonomia e de maneira equipolente. Estabelecem uma relação de igualdade ao apresentar diferentes pontos de vista a respeito do mesmo assunto, sempre mantendo uma fresta para o diálogo e com uma combinação de várias vontades individuais. “A vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades” (BAKHTIN, 2008, p. 23).

Segundo Tezza (2003), o romance de Dostoiévski, nomeado de polifônico, seria melhor que os romances desenvolvidos até então. Isso porque considera o romance polifônico como um gênero mais democrático e até então inovador, por possuir um extremo potencial dialógico. Desse modo, a polifonia observada na obra de Dostoiévski se configurou como um divisor de águas e reformulou o modo de ver o mundo.

Grande foi o impacto causado pela polifonia. Tanto que Bakhtin aconselha: “Devemos escrever obras polifônicas porque elas são melhores que as obras, digamos monológicas” (TEZZA, 2003, p. 229). A polifonia se tornou, então, condição essencial, tanto para uma prosa como para uma poesia de qualidade.

Nesse sentido, a polifonia nos ajuda a compreender as diferentes vozes presentes nos quadrinhos da Laerte e nos poemas de Quintana.

3.1.5 Alteridade

Estudando os textos de Bakhtin sobre Dostoiévski, encontramos uma análise aprimorada que explora a alteridade e a relação eu/outro. A alteridade, conceito muito explorado por Bakhtin na novela *O duplo* (DOSTOIÉVSKI, 2011) e que vai ser estudado também em outros textos, é o reconhecimento de que o outro é singular. É reconhecer que esse outro pensa, age e entende o mundo à sua própria maneira, em virtude de todas as experiências individuais pelas quais o sujeito passou.

A alteridade é a impossibilidade do ser único, é a sempre presença do outro, de pelo menos dois. Para Bakhtin, esse outro ocupa um lugar único no espaço-tempo.

Algo importante de enfatizar é que o reconhecimento desse “outro” não se dá de uma forma egoísta, mas sim de uma forma amorosa, que contribui para a constituição da identidade, que contribui para a completude. Tezza (2003, p. 45) afirma que “[...] cada um de nós vive perpetuamente um acontecimento aberto e inacabado”. Para tal acontecimento ocorrer, é necessária a existência de duas consciências, pois, segundo ele, na obra estética sempre há um confronto entre elas.

Ao mencionar alteridade, é impossível não lembrar sobre a importância dos sujeitos da pesquisa. Ao considerarmos a participação efetiva deles e não apenas falarmos com/sobre eles, entramos em diálogo, proporcionando novas possibilidades de aprender e responder (pesquisadores e sujeitos da pesquisa) ao longo do processo.

Assim, os sujeitos são ativos e atuantes na construção do sentido do texto, talvez de uma forma como nunca foram ao longo de suas vidas. Ao considerarmos a alteridade, abrimos espaço para que os educandos contribuam com suas contrapalavras, a partir de suas vivências. Ao caminhar em direção ao outro, professor e educando recebem

a oportunidade de produzir novos acabamentos e de buscar novos significados, enquanto constituem suas identidades.

Por conseguinte, Geraldi (2013) nos mostra que o princípio da alteridade está presente em toda a obra de Bakhtin. Está na linguagem, à medida que nos constituímos por ela e cada um de uma maneira individual. Encontra-se também nos estudos literários, não só pela necessidade de estabelecer uma relação leitor x enunciador, como também pelas próprias alteridades entre personagens, autor, narrador e heróis.

Nos estudos sociais também se faz presente. Nesse espaço, o erudito e o popular dialogam entre si e se constituem, proporcionando a constituição das subjetividades e o processo de humanização. Quanto aos estudos da ética, a alteridade também está lá, porque "[...] o outro é a medida que todos os nossos atos é" (GERALDI, 2013, p. 14).

Conclui-se, assim, que o conceito da alteridade permeia toda a obra de Bakhtin, pois o outro está lá, sempre, vivo e falante, de forma que, no espaço escolar, professor e aluno se enriquecem, "[...] ninguém sai como entrou e ambos aprendem" (GERALDI, 2013, p. 15).

3.1.6 Responsividade

Segundo Tezza, em "*a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo* (2003), foi em *Para uma filosofia do ato* que se enxergou nitidamente a crítica bakhtiniana aos sistemas abstratos de representação da realidade. Na obra, ele cria a categoria do "não-álibi". Dessa forma, a responsividade se refere a um responder responsável, que envolve compromisso ético do agente.

O conceito está ligado a uma percepção estética do observador. Nesse contexto, o enunciado exige do leitor uma resposta. Ser responsivo, portanto, é ter uma atitude responsável e engajada diante do enunciado concreto. Segundo Bakhtin (2010), cada ato nosso é uma resposta, é uma ação da qual não se pode escapar. Assim, ele postula um pensamento participativo, sem indiferença. Para pensar nesse conceito, é impossível não pensar na presença de um outro no diálogo.

Sob esse viés, fundem-se o mundo da cultura e o mundo da vida. Nesse ponto, fica evidenciada a responsabilidade que cada um tem diante de todos, de maneira que não se pode eximir de atos concretos, pois sempre deve haver um comprometimento com algo a ser alcançado por meio de um processo que não pode ser desconsiderado.

Assim, os professores devem se responsabilizar diante dos educandos, da mesma maneira como os educandos devem ser responsáveis por seus atos no espaço escolar.

Passaremos, agora, para o próximo tópico, com o fito de dialogar sobre o tempo na vida. Para tanto, trazemos, em nosso texto, o entendimento de diversos teóricos a respeito da temática.

3.2 O TEMPO NA VIDA

Na sociedade contemporânea, o tempo é, para nós, cidadãos comuns, pertencentes às sociedades industrializadas, aquilo que orienta nossas ações, que nos guia no mundo em sociedade. No entanto, ao dialogarmos com Nobert Elias, em seu livro *Sobre o tempo*, de 1998, descobrimos que pensá-lo não é uma tarefa simples assim. Quando pensamos no tempo, aprendemos muito sobre o homem e sobre nós.

A primeira indagação surge quando refletimos sobre o fato de o homem dizer que mede o tempo. Como medir algo invisível, inaudível e intocável? Os relógios medem nada mais que a duração de acontecimentos sucessivos. Na antiguidade, esse papel era ocupado pelos fenômenos naturais. Os fenômenos naturais guiavam os homens, não os relógios. No entanto, todos reconhecem os relógios como reguladores de nossa vida em sociedade. Tanto que se uma criança não se habitua desde cedo a essa ideia de tempo, tende a ficar excluída da sociedade quando chegar à fase adulta.

Elias enfatiza que, enquanto para uns o tempo é mais um objeto da natureza (foi esse também o posicionamento de Newton), para outros é uma forma de captar acontecimentos, precedendo qualquer existência humana. Santo Agostinho entendia o tempo como não possuindo nenhuma realidade fora do sujeito.

No entanto, para Kant, filósofo que representa o ápice do estudo sobre o tempo na modernidade, o tempo é entendido como uma síntese *a priori*, algo não modificável

da natureza humana: “[...] o tempo não é algo derivado de experiência alguma, a simultaneidade e sucessão nunca chegariam à nossa percepção se a representação do tempo não estivesse subjacente a eles a priori” (KANT, 1987 apud CARNEIRO, 2004, p. 229).

Ao falar do tempo, impossível não nos lembrarmos de Aristóteles. Além de problematizar e levantar vários questionamentos a respeito da temática, ele nos provoca ao nos fazer refletir se o tempo existe mesmo e qual seria sua natureza.

Elias (1998) também nos explica que, pela lógica aristotélica, o passado já não é e o futuro ainda não é. Quanto ao presente, seria não mais que um limite, não se encaixando naquilo que Aristóteles entendia ser o tempo. Aristóteles, diante da inquietude que a ideia do tempo lhe causava, às vezes caracterizava o tempo como um não-ser mais do que como um ser. No entanto, quando pensava no fato de que refletimos sobre o tempo, que o pesquisamos, concluía que, por tal fato, ele existe. De certa forma, Santo Agostinho dialoga com as ideias de Aristóteles. Para Santo Agostinho, o “não ser” era próprio do tempo.

Outro fator importante e que não deixava dúvida a Aristóteles era que o tempo estava associado à ideia de movimento. Ainda segundo Elias (1996), Aristóteles fazia analogias para demonstrar como isso seria possível. No entendimento do filósofo, quando se estava nas trevas ou, então, quando se dormia e acordava com os heróis em Sardes, em ambas as situações não se via o tempo passar. Era como se o antes e o depois se fundissem em única coisa.

Curioso é saber que, em sociedades industrializadas, a não utilização de um relógio ou de um calendário como forma de organizar a vida social é algo impensável. No entanto, há sociedades com menor grau de industrialização, onde os indivíduos não sabem precisar suas idades. Nessas sociedades, a concepção de tempo é outra - como abordaremos adiante.

Quando pensamos em tempo, surgem diversas concepções. O tempo é coletivo. Todos estão sujeitos a ele. O relógio, como representante do tempo, organiza o comportamento de um grupo. Não compreender ou não aceitar essa organização compromete a inclusão do indivíduo na sociedade e o seu reconhecimento como ser humano.

Ao analisarmos a história do tempo, constatamos que ele sempre foi sentido como uma força misteriosa. Horácio já se queixava em seus versos sobre a efemeridade do tempo, no entanto, só tardiamente o tempo passou a ser símbolo de coerção. E assim, em sociedades altamente industrializadas, os instrumentos que o representam contribuem para autodisciplina dos indivíduos, sem violência, porém com uma força esmagadora. Como essa pressão começa a ser exercida desde muito cedo, o processo é consolidado e se torna inabalável. Isso nas sociedades que precisam utilizá-lo como organizador das ações humanas.

Barenco (2022) alerta que essa ideia de tempo, tão presente nas sociedades contemporâneas e modernas, não é o tempo. Essa ideia é apenas uma construção, mas não é a única. Para a autora, se tivermos a existência de 400 culturas diferentes, temos 400 concepções diferentes de tempo.

Elias (1998) também nos alerta sobre tal ideia. Assim como a língua só pode ser compreendida pelo grupo que a domina, os relógios só podem exercer sua função em sociedades que aderiram ao mesmo relógio e que compactuam da mesma concepção de tempo. Nesse sentido, Barenco (2022) e Elias (1998) dialogam, pois compreendem que esse tempo da lógica capitalista não se aplica a todas as sociedades.

Os gregos, por exemplo, entendiam o tempo como um fenômeno carregado de afetividade e o subdividiam em três grandes divisões: *Aion, Cronos* e *Kairós*, já que para eles o tempo não existia como algo homogêneo. Na Grécia antiga, o tempo era composto por diversas crenças, imagens, valores e costumes diversos. Os poemas homéricos sobre esse tema são envolvidos por cargas afetivas. Além disso, o tempo carrega consigo uma tônica de moralidade, já que ordena o universo.

Para os gregos, o tempo *Aion* surgiu em Homero. Mais tarde foi reutilizado pelos pré-socráticos e até por Nietzsche. Quando surgiu, estava relacionado ao tempo da vida humana. Importante salientar que, ao longo dos anos, adquiriu novos significados. Alguns entendiam o *Aion* como a vida sempre viva, sem início ou fim. Outros o percebiam como um tempo cíclico, que perseguia a si mesmo e voltava a si.

Já com Platão, a concepção de *Aion* é modificada: passa a ser o tempo do ser eterno e do mundo eterno. Eterno e imóvel. A partir do filósofo, fica clara a distinção entre o tempo do relógio e o tempo da eternidade.

Ao lado de *Aion* coabita o *Cronos*, o tempo da própria vida humana, da ação produtiva, do mercado capitalista e consumista. Um tempo que tem como característica principal a medida. Essa ideia temporal foi utilizada por Homero para designar um intervalo e estava associado a ideias como dia, hoje ou ano. Em suma, *Cronos* é o tempo contável.

Kohan (2022) nos diz que o *Cronos* não tem presente, só passado e futuro. Ele é o movimento, o máximo que tem de presente em *Cronos* é o agora, o instante, um agora que não permanece, que está no passado ou que ainda não chegou. O autor ainda faz questão de nos relembrar que o agora só passa, não para. Ou seja, o passado só cresce e o futuro só decresce. Esse seria o tempo nosso de cada dia, que nos faz seguir uma rotina, que se esvai aos nossos olhos e que nos faz passar com ele.

Mais tardiamente, aparece na cultura grega o tempo *Kairós*, que se apresenta como o próprio destino do homem. Seria uma espécie de abertura, uma violação do tempo ou do espaço. Um irmão mais bondoso de *Cronos*, quando é tempo da oportunidade, ou um irmão impiedoso, quando associado à ideia de perigo. Talvez por isso seja o mais complexo de se compreender. Além do mais, *Kairós* é um tempo que não cabe nem no campo físico, nem no psíquico. É curto, passageiro e não se deixa aprisionar. Tais formas de compreender o tempo são apenas exemplos de modelos temporais existentes na sociedade grega.

Kohan (2022) ainda menciona o tempo *escole* em seus estudos, o tempo da escola. Segundo o filósofo, a palavra *escole* originou o nome escola. Assim, seria um lugar de tempo livre, fazer algo que não tenha uma finalidade específica. Seria o tempo do ócio, de colocar o mundo sobre a mesa e pensar.

Krenak (2022), escritor brasileiro, indígena, traz-nos outra visão de tempo. Segundo ele, algumas sociedades não ocidentais da África e até mesmo das Américas entendem o tempo como algo espiralado, algo sempre em movimento, deslocando-nos de um lugar de estabilidade para nos colocar em outro instante.

O escritor ainda lembra uma frase que diz que o tempo é um amigo do homem, que vai seguindo viagem ao seu lado, que não se separa dele e não pode fazer nada contra, porque o tempo é o aqui e o agora. Desse modo, Krenak (2022) nos apresenta a construção de outras temporalidades.

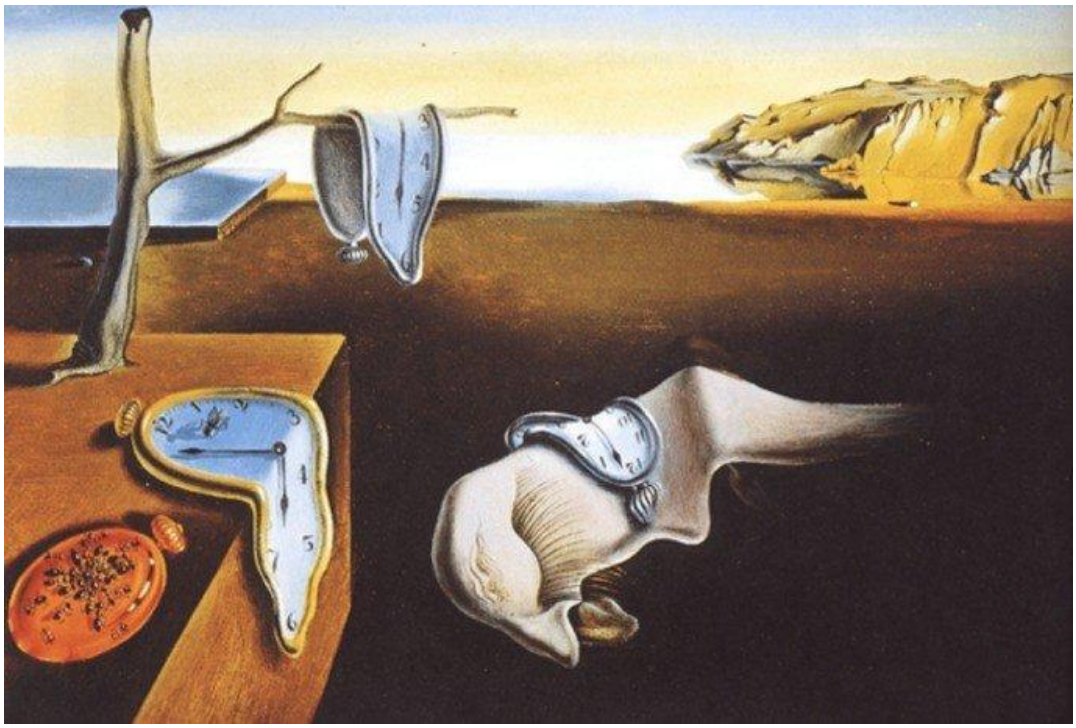
Byung-Chul Han (2021, p. 34) também aponta para essa direção: “[...] hoje é necessária uma revolução temporal, que gere um outro tempo [...] que não é o tempo do trabalho”.

Com base em tais constatações fica evidente a existência de diferentes tempos e a importância que cada uma tem para a vida em sociedade. Assim, precisamos mencionar também que, na próxima seção, será contemplado um diálogo entre diversos pensadores sobre o tempo na arte, com o objetivo de ampliarmos nosso entendimento do assunto.

3.3 O TEMPO NA ARTE

Nas artes em geral, alguns autores se preocuparam em demonstrar o passar do tempo, tentando materializá-lo sem que haja o que possamos fazer. É o que podemos verificar na imagem do quadro abaixo, intitulado *A persistência da memória*, do pintor catalão Salvador Dalí.

Figura 1 - Salvador Dali, “A persistência da memória”, 1931, Museu de Arte Moderna, Iorque



Fonte: Aidar (2023).

Apesar da complexidade que é analisar uma pintura surrealista, é possível perceber a clara menção ao tempo e o passar dele: os insetos representam a decomposição em suas obras. Assim, é possível perceber que na tela *A persistência da memória* o pintor retrata a decomposição do tempo.

Ao analisarmos por outro viés, a mosca em cima de um dos relógios pode estar associada à velocidade do tempo, que não para, que voa. Além do mais, podemos perceber que cada um dos três relógios derretidos marca um horário diferente do outro, dimensionando a relatividade do tempo.

Ao pintar os relógios derretidos, o artista assume sua própria concepção: o tempo surreal, maleável, que não descarta o tempo como algo possível de se medir. O relógio que permanece rígido, cheio de formigas, admite a existência desse tempo rigoroso, que marca dias e horas. No entanto, esse tempo não seria relevante, tanto que o relógio se encontra de cabeça para baixo e excluído dos relógios da cena.

Figura 2 – GOYA, Francisco de. Saturno (Cronos na mitologia grega) devorando seus filhos, 1819 – 1823. Museu del Prado

Fonte: Wikipédia (2020).

Ainda na pintura, Goya retrata Cronos (Figura 2) engolindo seus próprios filhos, o que nos transmite crueldade do deus do tempo e sua força devoradora de vidas. A mitologia explica: Cronos, senhor do tempo, casa-se com sua irmã Reia e tem com

ela seis filhos. Com medo, certo da profecia que previa seu destronamento por um de seus descendentes, Cronos passa a devorar cada filho após o nascimento. Porém, Reia salva um deles. No lugar de um recém-nascido, ela joga uma pedra para Cronos devorar. Assim, Zeus sobrevive e quando adulto administra uma droga em seu pai, que vomita todos os irmãos ainda vivos. Sendo assim, cumpre-se a profecia e Zeus assume o Olimpo, destronando o pai e o banindo.

Já na música, Caetano Veloso, cantor e compositor, também se preocupou em retratar o passar do tempo em algumas de suas canções, como na letra da canção *Oração ao tempo*, lançada em 1979. Em um trecho dela é possível identificar como o artista entende o tempo:

> Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos... Tempo tempo tempo tempo, entro num acordo contigo... Tempo tempo tempo tempo... Por seres tão inventivo e pareceres contínuo… Tempo tempo tempo... És um dos deuses mais lindos...Tempo tempo tempo tempo (VELOSO, 1979).

No trecho da canção, fica clara a superioridade do tempo em relação a outros aspectos da vida. Ao afirmar que o tempo é “o tambor de todos os ritmos”, o autor reitera essa imagem de superioridade. Enxergamos isso ao refletir que o tambor é o instrumento que contribui para a marcação do tempo das canções, assim como o tempo seria o marcador de nossas ações. Tudo em nossas vidas subjaz ao tempo.

Na poesia, até mesmo Mário Quintana classifica o tempo por meio da alusão ao relógio como um ser devorador. “O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações da minha família.” (QUINTANA, 2013).

Tudo que transmite essa ideia temporal contribui para que o artista interprete as intenções de um indivíduo, de um grupo ou de uma época. O tempo revelado no espaço, na natureza, no movimento do sol, nas estações do ano, no crescimento das árvores.

A partir da literatura produzida por Dostoiévski, Bakhtin desenvolveu o conceito de polifonia, indissociável de dialogismo. Ao analisar a obra de Rabelais, ele apreendeu o tempo-espaço e desenvolveu o conceito de cronotopo. Enquanto em Goethe, culminou a ideia do tempo histórico.

Um dos maiores expoentes de Goethe é a representação do tempo histórico. Tempo esse preparado no Iluminismo. Na época, começaram a se delinear as categorias de ciclos de tempo, tempo natural, tempo de costumes, tempos de trabalhos agrícolas.

Goethe não aceitava ver nada “pronto e imóvel” (BAKHTIN, 2011, p. 229). Ao contemplar as montanhas, nós as percebemos mortas, sem nenhuma atividade. Goethe não. Baseado na força de atração da massa da Terra, enxergava que nem as montanhas eram imutáveis. Ele enxergava que, sob a influência de diversos fatores, até as cadeias de montanha pulsam constantemente.

O autor tinha uma incrível habilidade de ver o tempo no espaço. Ele sabia a idade das árvores só de olhar para elas. Seu olhar era aguçado em relação ao tempo de vida humana, vida cotidiana, tempo possível de mensurar pelo sol.

Ao analisar esses tempos do cotidiano, Goethe encontra, intricado neles, os vestígios de um tempo histórico, marcas de uma natureza transformada pela mão do homem e que deixam nela o reflexo desse mesmo homem, já que tais transformações se guiam pelos costumes e concepções de quem as move.

As transformações que Goethe enxergava na natureza, vinculavam o presente ao passado, de uma forma viva. O passado “insulado” (BAKHTIN, 2011, p. 235) não interessava a Goethe. A ele interessava o passado como um elo na série contínua do desenvolvimento da Terra.

Um passado criador, que faz compreender o presente e, o mais importante, que continua a viver no presente. O passado ao qual Goethe se refere é humanizador. Ele transforma um espaço terrestre em um lugar de vida histórica, pois, para ele, o passado que não traz vida ao presente, é uma espécie de fantasma.

Em suas viagens, ao analisar as pedras ao longo do curso de um rio ou um vale cheio de fertilidade, não interessava os aspectos presentes e individualizados separados do passado, ou os aspectos passados isolados do presente. Interessava a ele compreender as marcas deixadas pelo homem que ali habitou, do mesmo modo a concepção de homem subjacente a tais marcas. Já que Goethe entendia “[…] o espaço e o tempo ajustados em um bloco indissolúvel” (BAKHTIN, 2011, p. 242).

Toda essa visão de Goethe em relação à fusão tempo-espaço, o caráter criador desse mesmo tempo e a plenitude do tempo nos mostram o olhar cronotópico de Goethe. Nessa visão, não há espaço para imutabilidade. “Tudo nesse mundo é tempo espaço, cronotopo autêntico” (BAKHTIN, 2011, p. 245).

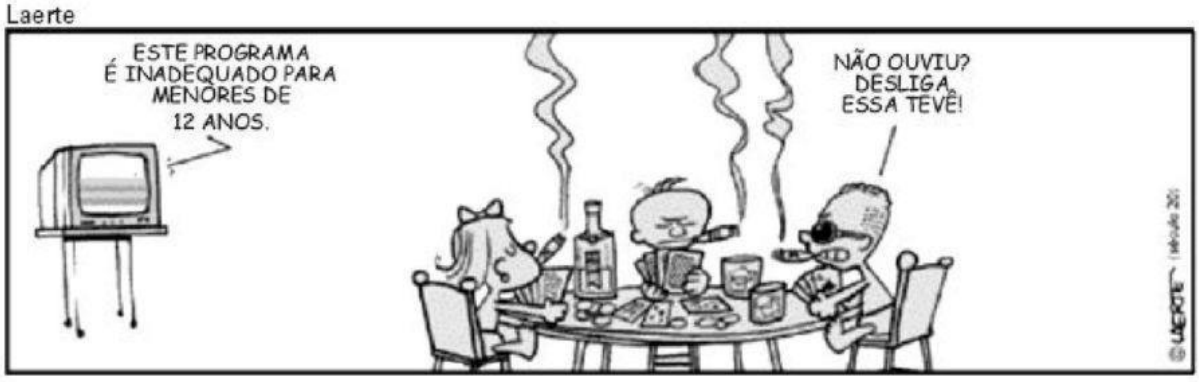
Sabendo que o cronotopo reflete essa visão de mundo e, portanto, de homem, procuraremos, nos tópicos abaixo, analisar as vozes que dialogam entre si na produção dos quadrinhos e dos poemas enquanto gêneros discursivos.

3.4 O GÊNERO QUADRINHOS

Pensamos ser importante também evidenciar que o mundo dos quadrinhos engloba uma série de subgêneros e de nomenclaturas. Ramos (2009) nos demonstra com clareza tal afirmação em seu artigo *Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?*

Segundo o autor, em uma mesma avaliação da PUC, havia duas questões que envolviam o gênero, uma que nomeava como tirinha outra como tira em quadrinhos.

Figura 3 - Tirinha da Laerte em prova da PUC
PUC – 2007



Folha de São Paulo, 21/10/2006
Fonte: Laerte (2006).

E em outro momento, a banca apresenta o texto abaixo, nomeando-o “tira em quadrinhos”.

Figura 4 - Tira em quadrinhos de Jim Davis

Fonte: Davis (2006).

Com tal exemplo, Ramos (2009) nos chama a atenção para a variedade desse gênero “quadrinhos”, tendo em vista que uma mesma prova apresenta dois textos de formatos muito próximos, porém com nomenclaturas diferentes.

Segundo ele,

> [...] há uma zona nebulosa na região que envolve todas essas nomenclaturas. A dificuldade em perceber as características de cada um dos textos tem fomentado uma classificação indiscriminada e pouco criteriosa no uso dos termos, como visto nas questões da PUC-SP (RAMOS, 2015, p. 357).

Dito e demonstrado isso, a nomenclatura “tirinhas” é entendida como um subgênero do hipergênero “quadrinhos”. A partir daqui, assumimos a nomenclatura “quadrinhos”, entendendo que se trata de um hipergênero.

Ainda que Ramos (2009) perceba que há essa nebulosidade envolvendo as nomenclaturas, ele e nós também entendemos que tal pluralidade de nomes seja justificável. Ainda que não seja o foco de nossa pesquisa, é de extrema importância contextualizarmos o mundo dos quadrinhos para o leitor, pois ler os quadrinhos é ler sua linguagem. Nesse sentido, para compreender a história dos quadrinhos, é necessário entender os aspectos estruturais que compõem essa linguagem.

Segundo Ramos (2009), o gênero quadrinhos recebe inúmeros nomes. Tal variedade é consequência de um desconhecimento das características das histórias em quadrinhos.

Ainda há outra questão que evidencia essa falta de conhecimento em torno do mundo dos quadrinhos. Segundo Ramos (2009, p. 17), muitos costumam chamar os quadrinhos de literatura, o que para ele é apenas uma maneira de elitizar ou academizar o gênero: “[...] quadrinhos são quadrinhos”, um gênero autônomo, com mecanismos próprios de representação dos elementos narrativos.

Com base em estudos sobre obras em quadrinhos, o pesquisador identificou algumas tendências do gênero, como o predomínio da tipologia narrativa, o uso de personagens fixos ou não, além de citar o suporte como determinante para tipos específicos de quadrinhos. Ele ainda exemplifica que tiras cômicas e charges, por exemplo, aproximam-se mais da linguagem jornalística, pois são textos publicados em jornal.

Independente da nomenclatura utilizada, algo inquestionável é a força da união de imagens e palavras, a verbo-visualidade presente nos quadrinhos, que será discutida no tópico a seguir.

3.4.1 A verbo-visualidade nos quadrinhos

Conforme Brait (2013), a verbo-visualidade refere-se à dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, não podendo ser separadas sob pena de excluirmos um plano de expressão e, consequentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado.

Em conjunto e sob uma perspectiva dialógica, o enunciado/texto verbo-visual caracteriza-se, então, como dimensão reveladora de autoria e promotoras de novas identidades.

Contudo, há teóricos que não pactuam com esse entendimento. Para a pesquisadora Barenco (2022), por exemplo, os quadrinhos são uma narrativa temporalmente desenvolvida, mas espacialmente gráfica. Eles têm uma narrativa que se faz graficamente a partir das imagens e da linguagem imagetificada nos balões, nos símbolos, em que o tempo, no caso dos quadrinhos da Laerte, está no centro. Assim, há sequencialidade, enredo, série temporal.

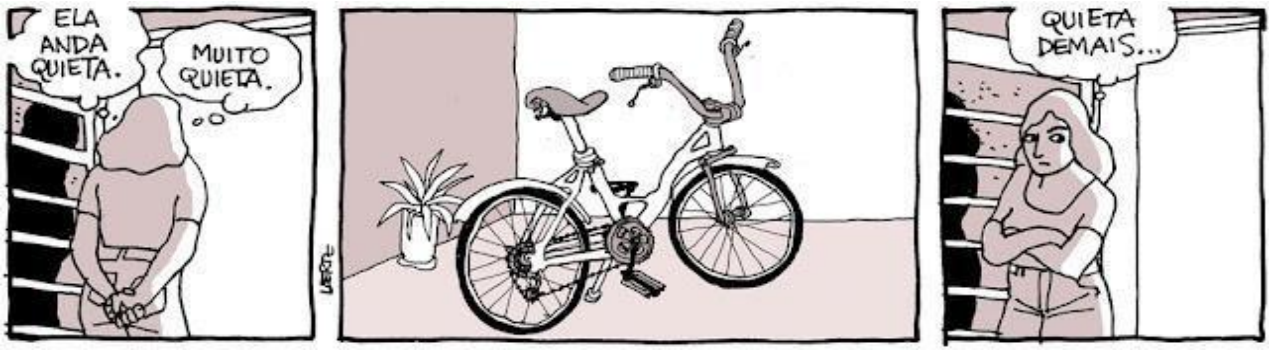
Para a compreensão desse mundo singular é fundamental termos em mente que a fala dos personagens é representada por meio de balões e que os diferentes modelos de balões imprimem intenções diferentes, pois são elementos composicionais do gênero, elementos formais.

Ainda de acordo com Ramos (2009), a linha preta e contínua é considerada mais neutra e serve de referência para os demais balões. Conforme o autor, tal linha representa a fala em tom de voz normal, por isso chama-se balão de fala. Tudo que extrapolar essa linha contínua adquire um significado diferente e particular, como podemos ver nos exemplos a seguir.

Figura 5 - Exemplo de balão-berro

Fonte: Laerte (2021a).

Figura 6 - Exemplo de balão do pensamento



Fonte: Laerte (2021b).

Esses (figuras 5 e 6) são apenas dois exemplos dos mais de 70 modelos de balão que foram identificados pelos estudiosos, demonstrando o valor desse recurso na composição dos quadrinhos.

Outro recurso apontado por Ramos é o apêndice, que está ligado diretamente aos balões. O apêndice se direciona ao personagem e diminui, mas não impede a utilização dos verbos dicendi, aqueles que utilizamos no discurso direto para se referir ao modo como nosso interlocutor se expressa por meio de palavras ou pensamentos, aspas e travessões, típicos de textos narrativos.

Figura 7 - Exemplo de apêndice

Fonte: Laerte (2021c).

Segundo Ramos (2009), do mesmo modo que o contorno do balão determina certas intenções do autor, o traçado do apêndice também se modifica de acordo com tais intenções.

Figura 8 - Exemplo de outro modelo de apêndice

Fonte: Laerte (2015).

Considerada uma estrutura narrativa, é comum encontrarmos nos quadrinhos a presença de um narrador onisciente. O narrador onisciente enuncia por meio da legenda, sempre utilizando a 3° pessoa. Ramos (2009) defende que o narrador-personagem também possa se apropriar do recurso e que muitas vezes a cor pode ser utilizada para diferenciar a qual personagem pertence a legenda.

Figura 9 - Exemplo de legenda

Fonte: Laerte (2020).

Outro aspecto notado por Ramos (2009) é que há registros do uso de legendas sem contorno, como no caso do balão, que às vezes aparece sem linha, seria a “legenda-zero”.

Há que se considerar também a maneira como os quadrinhos representam a oralidade, muitas vezes, por meio de diferentes modelos e tamanhos de letras. A letra de forma tradicional, mais utilizada nos quadrinhos, carrega uma expressividade neutra e todas as demais variações carregam outros sentidos.

Segundo Ramos (2009), a letra menor representaria o sussurro, a letra em negrito poderia sugerir um tom de voz mais emocional ou uma fala mais alta. Até a mudança de cor da palavra pode ser utilizada para expressar algo mais específico.

Figura 10 - Exemplo do uso da letra em negrito

Fonte: Laerte (2021a).

Não há dúvidas de que a exploração das letras em seus formatos, cores e tamanhos variados seja de extrema importância dentro do discurso dos quadrinhos. No entanto, não podemos esquecer que os recursos visuais também são uma maneira de comunicar ao leitor gestos e expressões do corpo dos personagens.

A cor é também um elemento fundamental para o entendimento dos quadrinhos, ainda que o autor opte por utilizar apenas o preto e o branco. Ramos (2009) menciona que inicialmente os autores utilizavam apenas as cores primárias para as produções dos quadrinhos. No entanto, atualmente, com os avanços da *internet*, muitos autores utilizam tais avanços para utilizar as nuances de cada cor, o que personaliza cada obra e ainda amplia o leque de informações a serem interpretadas pelos leitores.

Mas como os autores organizam todos esses elementos no espaço quadrinístico?

Os quadrinhos, como hipergênero narrativo, representam o fragmento de determinada ação ou acontecimento, contemplando tempo e espaço. Tais representações podem ocorrer dentro desse hipergênero, com forma regular, ou pode assumir outros contornos não tão regulares.

A escolha do formato depende da intenção do autor, muitas vezes ele tenta expressar o estado psicológico do personagem com variações do formato dos quadrinhos.

O tempo também é representado pelo formato dos quadrinhos. Ramos (2009) sugere que o presente seja representado em linhas demarcatórias retas e o passado em linhas tracejadas ou onduladas. No entanto, tais constatações não são via de regra. Nesse sentido, ele lembra que em muitos casos há a ausência da linha demarcatória e, em outros, o contorno do quadrinho é todo desenhado.

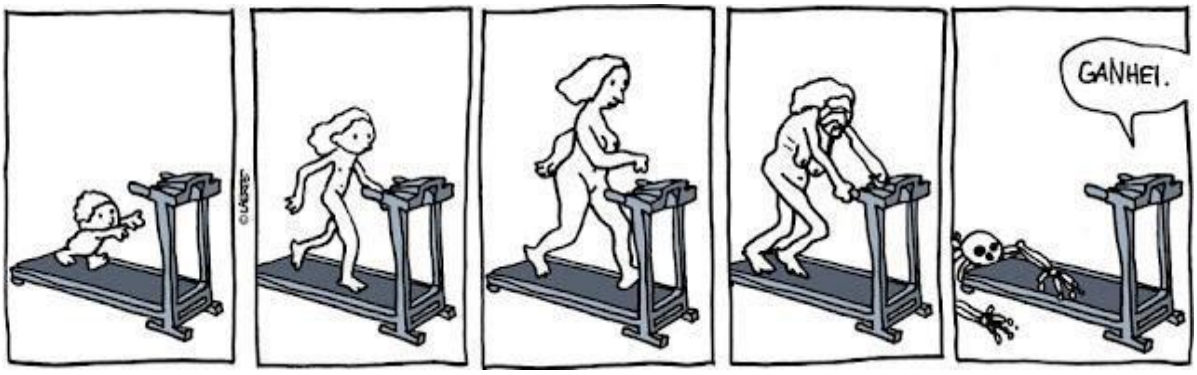
Nessa perspectiva, entendendo que os quadrinhos representam uma ação narrativa, é necessário avaliar, também, o papel dos personagens na trama, já que, segundo o pesquisador, eles são referência para orientar o leitor sobre o rumo da história.

Importantes para a compreensão do leitor, as expressões fisionômicas podem demonstrar diferentes estados emocionais, como desespero, entusiasmo, entre outros. Para Ramos (2009), não só a expressão fisionômica, como outros sinais gráficos podem indicar o estado emocional das personagens: seriam as metáforas visuais. Assim, expressões e metáforas visuais se unem na transmissão da mensagem ao leitor dos quadrinhos.

Outra vertente a destacar é a maneira como o tempo é abordado nos quadrinhos. Segundo Ramos (2009), o tempo pode ser percebido pela disposição dos balões e

dos quadrinhos. Muitas vezes o próprio personagem é indicador do tempo dentro dos quadrinhos, como no exemplo abaixo.

Figura 11 - Personagem como indicador de tempo



Fonte: Laerte (2018a).

No entanto, o espaço pode ser compreendido dentro de um único quadrinho e, mesmo assim, ser percebido pelo leitor.

Além de tempo e espaço, segundo Ramos (2009), a percepção visual permite também observar diferentes ângulos e planos, sendo possível a utilização de um plano geral ou panorâmico, plano total ou em conjunto, plano americano, plano médio ou aproximado, plano de detalhe, plano em perspectiva ou primeiro plano. Já os ângulos se dividiram em ângulos de visão médio, de visão superior e de visão inferior.

Claro que aqui não estão esgotadas as possibilidades de estudo do mundo dos quadrinhos, mas se concentram as que, ao nosso ver, são indispensáveis para a compreensão do gênero. Ademais, tais considerações demonstram quão rica é a linguagem verbo-visual que os compõe.

No mais, temos que mencionar a indissociabilidade entre forma e conteúdo. Contrário aos formalistas, é possível ver que “[...] a forma artística se realiza num dado material. No entanto, não se esgota nele. Há algo que o transcende e se projeta axiologicamente para além […]” (BRAIT, 2018, p. 103).

Segundo Brait (2018), como forma de demonstrar tal afirmação, Bakhtin cita a escultura como uma forma em mármore, mas também como uma forma de um ser humano e de seu corpo, ultrapassando o material que o compõe está a rede de sentidos a qual Bakhtin denomina conteúdo.

Sendo assim, as formas artísticas são pensadas por Bakhtin como um todo inseparável: a forma e o conteúdo.

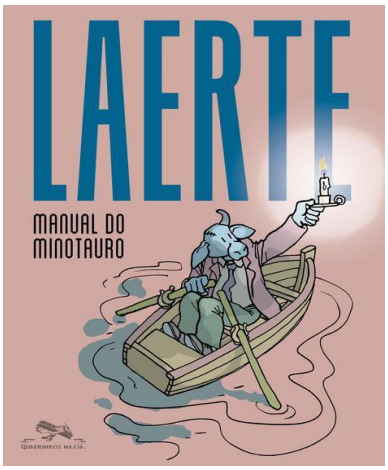
Nos tópicos abaixo, faremos uma contextualização sobre a vida e a obra da Laerte, assim como analisaremos os quadrinhos dela e os aspectos verbo-visuais que contribuem para a construção de sentido de tais quadrinhos.

3.5 OS QUADRINHOS DA LAERTE

Segundo Fonseca (2013), Laerte Coutinho, ou apenas Laerte, é uma cartunista e chargista brasileira, uma das mais importantes do Brasil. Estudou comunicações e música na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, porém não se formou nesses cursos. Sua obra é vasta e variada. Criadora de personagens como Piratas do Tietê, Hugo e Overman, Laerte utiliza como poucos um humor mordaz e refinado para explorar temas relevantes da existência humana.

Atualmente, Laerte publica diariamente no jornal Folha de São Paulo e, recentemente, publicou o livro, *Manual do Minotauro*, que recebeu o mesmo nome do *blog* que acolhe inúmeros quadrinhos de sua autoria.

Figura 12 - Capa do livro Manual do Minotauro (2021)

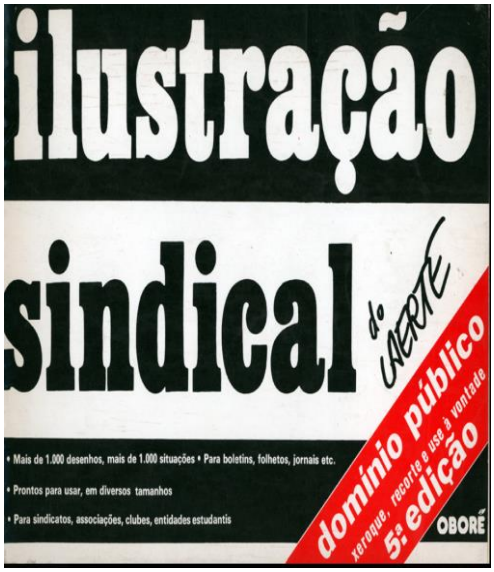


Fonte: Itaú Cultural (2021a).

Já em 1972, Laerte criou a revista experimental *O Balão*, com o cartunista Luís Gê. Nas décadas de 70 e 80, seus trabalhos eram marcados por preocupações políticas,

tanto que Laerte publicou o livro *Ilustração Sindical*, pela Oboré, em 1986, com ilustrações e quadrinhos para a utilização dos sindicatos.

Figura 13 - Capa do livro Ilustração Sindical (1986)



Fonte: Laerte (1989).

Na década de 80, Laerte se juntou aos amigos Angeli (1956) e Glauco (1957-2010), com quem desenvolveu a série de faroeste *Los Tres Amigos*, cujos personagens são alteregos dos três cartunistas: Laerton, Angel Villa e Glauquito.

Na década de 1990, atuou como roteirista na Rede Globo, em programas como *TV Pirata* e *Sai de Baixo*. Em 1991, colaborou semanalmente para a Folha de São Paulo, com as quadrinhos *Los 3 Amigos.* Em 1993, criou o personagem Hugo Baracchini, seu alterego, como integrante dos *Piratas do Tietê* que, três anos mais tarde, estreou individualmente no caderno de Informática da Folha de São Paulo.

No ano de 2004, Laerte deu início a um processo de reflexão sobre sua identidade de gênero, o que transformou profundamente sua produção, tornando-a mais engajada em questões de direitos humanos, gênero e sexualidade. No entanto, a morte de seu filho Diogo, com apenas 22 anos, em um acidente de carro, a fez adiar por um tempo seu travestimento. Laerte afirma em diversas entrevistas que a morte do filho teve um peso nessa decisão. Ela diz que, no contexto pessoal, a morte de Diogo representou um baque, porém, em relação à vida profissional, Laerte decidiu “chutar o balde”, expressão utilizada por ela mesma. Após uma reflexão, distanciando-se um mês de

seu espaço de trabalho na Folha, pensando que não queria mais trabalhar, ela entendeu que queria voltar a trabalhar sim, mas não da maneira como fazia antes.

Esse entendimento refletiu diretamente em sua obra. A partir desse entendimento, Laerte subverteu sua obra e experimentou modos diferentes de criar tiras. Por vezes contrariando a lógica mercadológica dos quadrinhos, Laerte reinventou sua maneira de concebê-los.

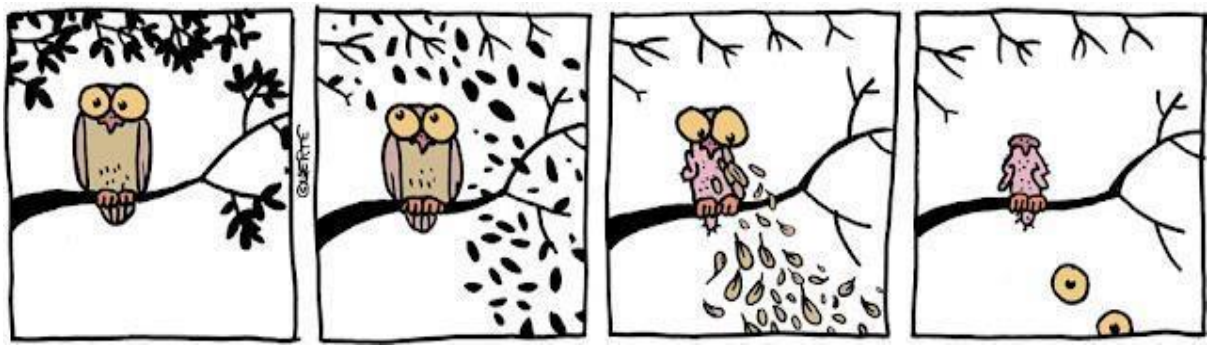
Nesse contexto, a vida pessoal sempre surgiu como um fator de peso nessa fase de subversão em seus quadrinhos. Segundo a própria Laerte (2010), “[...] as primeiras insatisfações surgiram em 2001 ou 2002, no vácuo de uma tempestade maior que causaria o fim do terceiro e último casamento”. Naquele momento, Laerte abandonou personagens famosos, como Overman, os gatos e Piratas do Tietê, e iniciou uma fase mais filosófica, que a caracteriza ainda hoje.

Para entender as transformações pelas quais passaram os quadrinhos da Laerte e para compreender como tais transformações tornam a sua obra ímpar, precisamos entender a estrutura dos quadrinhos, com base nos estudos que já existem a respeito de tal temática. Isso é importante, especialmente por entendermos que o estímulo à responsividade dos alunos se dará não só pelos aspectos temáticos que compõem os quadrinhos, como também pelos aspectos estruturais, como as linhas, os planos, as letras, as formas dos quadros etc., já que esta pesquisa assume a perspectiva da verbo-visualidade do texto.

3.6 O TEMPO NOS QUADRINHOS

A compreensão da linguagem dos quadrinhos é o que torna possível compreender, por exemplo, a cena narrada na tirinha abaixo. Ainda que nenhuma palavra seja utilizada, é possível perceber, por meio da imagem da coruja e da árvore, o passar do tempo e o resultado desse processo.

Figura 14 – Tempo 1



Fonte: Laerte (2016).

Agora, vamos a uma breve análise da tirinha acima, que é uma obra da Laerte. As produções dessa autora são veiculadas pela Folha de São Paulo e também se espalham pela *internet,* por meio do perfis em redes sociais da quadrinista e pelo *blog Manual do Minotauro.* Esse *blog* reúne as criações da artista, classificando-as com auxílio de descritores e, recentemente, em 2021, ganhou sua versão em livro de mesmo nome: *Manual do Minotauro*.

Suas produções estão relacionadas a questões da atualidade, especialmente no que se refere à política. Outra temática muito forte e constante em sua obra é a temática da transgeneridade vivenciada pela própria Laerte e que reflete em seus quadrinhos. No entanto, a temática que nos chamou atenção foi o tempo, a efemeridade do tempo retratada pela quadrinista. Percebemos também que os personagens não são fixos: ela criou e cria inúmeros deles.

A obra *O tempo* (Figura 14), encontrada no *blog* do *Manual do Minotauro*, foi construída ao longo de quatro quadrinhos, quantidade essa bastante recorrente e que possui uma dimensão sintética: Laerte produz uma estrutura narrativa e cria “[...] uma síntese coerente e representativa da realidade”, segundo diz Fresnault-Deruele (apud RAMOS, 2009, p. 89). Ainda na mesma tirinha, conseguimos identificar uma personagem, um cenário, um enredo e um desfecho, elementos essenciais para a construção da narrativa.

No primeiro quadrinho, é possível observar a coruja em cima do galho da árvore, cheia de penas, mas em cores em tons pastéis, e a árvore toda enfolhada em preto. No segundo quadrinho, a coruja olha para cima e observa as folhas das árvores, que começam a cair, ou seja, antes de perceber o tempo passar no próprio corpo, ela

observa o passar do tempo no outro, nesse caso, na árvore. No terceiro quadrinho, é como se a coruja olhasse para baixo, para o seu próprio corpo, observando todas as suas penas caírem, e a árvore apareceu já sem folhas. No quarto quadrinho, a coruja é apresentada toda depenada e sem olhos. Segundo Barenco (2022), aqui o personagem passa pelo tempo e o tempo passa pelo personagem, não há ironia, nem surpresa, só há a perda.

Ademais, é possível perceber que a cada quadrinho o personagem se distancia mais do olhar do leitor em razão do plano escolhido, o que também contribui para nosso entendimento da tirinha. Segundo Ramos (2021), a construção do ângulo tem o mesmo funcionamento do *zoom* de uma câmera fotográfica, aproximando ou afastando o personagem do olhar do leitor.

Outro aspecto observado tem relação com o estilo do traço do artista, um traçado sintético, feito a partir de poucas linhas, o que não prejudica a compreensão da tirinha.

Notamos também que não há a presença de balões de fala, e essa falta de palavras lembra a definição de Scott McCloud (1995, p. 09) sobre os quadrinhos, como “[...] imagens pictóricas e ou justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”.

Assim, a ausência de palavras (o que não significa ausência de significados), o uso de cores em tons pastéis, a escolha de um cenário simples, a transformação do personagem ao longo dos quadrinhos, toda a construção formal materializa o discurso dialógico e polifônico que nos faz refletir sobre a efemeridade do tempo, a partir de uma realidade particular que adquire uma dimensão pública, ao retratar uma realidade universal. Leva-nos a pensar em um tempo que passa por nós e em nós que passamos pelo tempo e somos transformados por ele.

Nesse quadrinho, assim como em outros da Laerte, não foi necessária a utilização da linguagem verbal para a construção do sentido, tudo se deu no campo da visualidade, construído por meio de relações dialógicas com os diferentes leitores dos quadrinhos, que produzem o sentido com base em suas vivências e experiências de vida.

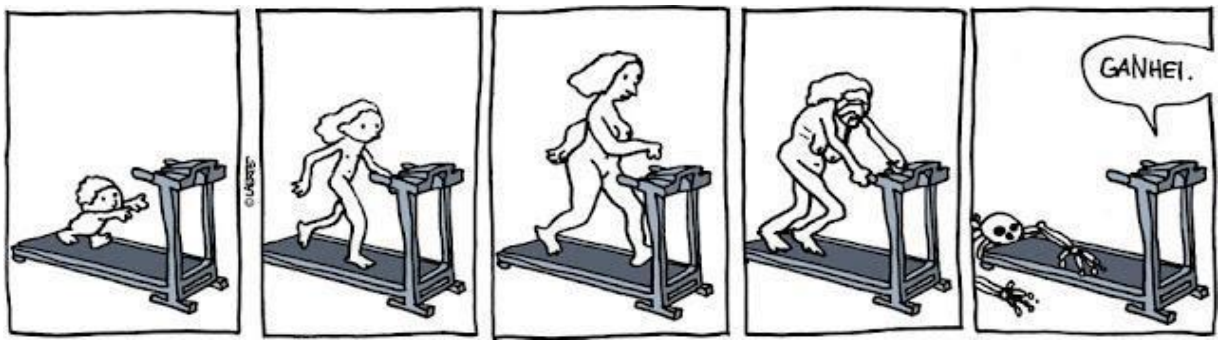
A percepção da transformação que ocorre com o personagem e no cenário ao longo dos quadrinhos só é possível pela indissociabilidade tempo-espaço-sentido, nomeada

por Bakhtin como cronotopo. Com a fusão de tempo e espaço, o tempo ganha corporeidade e se torna artisticamente visível, assim como o espaço se intensifica e se liga ao movimento do tempo: “[...] os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo [...]” (BAKHTIN, 2018, p. 12).

Sob a luz do cronotopo, evidencia-se que, no ambiente natural retratado no quadrinho, encontra-se o personagem, representado pela coruja, e ali, naquele lugar e naquele tempo, ocorrem as transformações do personagem, de tal modo que conseguimos visualizar a concepção de tempo que se faz presente na tirinha.

Segundo Amorim (2018), ao compreender como o tempo é concebido, entende-se também a concepção de homem. Se pensarmos sob essa ótica, entendemos que a concepção de homem por trás dos quadrinhos é a concepção do homem moderno, ligado à efemeridade do tempo e à fugacidade da vida.

Figura 15 – Tempo 2



Fonte: Laerte (2018a).

Nesse outro quadrinho da Laerte, encontramos um diálogo intenso com as ideias de Bakhtin (1937/1938) sobre cronotopo. Aqui, espaço e tempo se fundem para representar as transformações inevitáveis pelas quais passamos ao longo da vida. Aqui, no espaço e no tempo dessa tirinha, “[...] a morte é o que engendra a vida e a vida é o que vai morrer” (AMORIM, 2018, p. 104).

Sob outra perspectiva, é visível que toda a tirinha transmite essa ideia de leveza, tanto nas formas, quanto no conteúdo, tendo em vista que a personagem, representada por uma criança no primeiro quadrinho, busca a estética do corpo perfeito, desde muito cedo, uma característica da sociedade moderna, tempo este representado pela

personagem que inicia a tirinha subindo na esteira ainda como bebê e finaliza como uma caveira.

Também encontramos na tirinha acima um diálogo com a teoria hobbesiana, citada por Bakhtin, em *Para uma filosofia do ato responsável*. Segundo Bakhtin (2010), Hobbes esclarece que o povo escolhe uma única vez, entregando-se ao Estado, e transformando-se a partir daí em escravo da própria decisão.

Byung-Chul Han (2021) ratifica essa ideia. Para o autor, hoje, na sociedade atual, a do desempenho, somos “empresários de nós mesmos”, no sentido de sermos sujeitos ao desempenho e à produção. Nessa sociedade, o que nos motiva é o projeto e iniciativa, a competição. Percebemos, nesse sentido, que a personagem se entrega à sociedade moderna, seguindo um padrão de comportamento exigido por ela, sendo escravizada até a morte.

A tirinha acima também pode ser analisada em diálogo com as análises de Nobert Elias, trazidas em seu livro *Sobre o tempo*, de 1998, segundo as quais a criança já cresce com a ideia de tempo e do poder que ele tem sobre nós e, assim, logo ao nascer, ela já é deixada na esteira da vida, compreendendo o poder coercitivo do tempo sobre os humanos. Se a criança não aprender, desde cedo, a respeitar as organizações sociais orientadas pelo tempo, na fase adulta será impossível conviver nessa sociedade orientada por ele.

Não podemos deixar de analisar a questão formal dos quadrinhos da Laerte, pois percebemos que, dispostos em uma sequência temporal, não tem reservado para a personagem nenhum espaço de fala. A personagem é silenciada ao longo da narrativa, o que ratifica essa ideia de escravização por meio de uma decisão própria, assim como reitera a ideia da responsabilidade, defendida por Bakhtin (2010).

Para Bakhtin, citado por Sobral (2018, p. 111), o indivíduo é responsável por cada momento de sua vida e esses momentos devem “[...] estar situados uns ao lado dos outros em sequência temporal que vai do nascimento até a morte”.

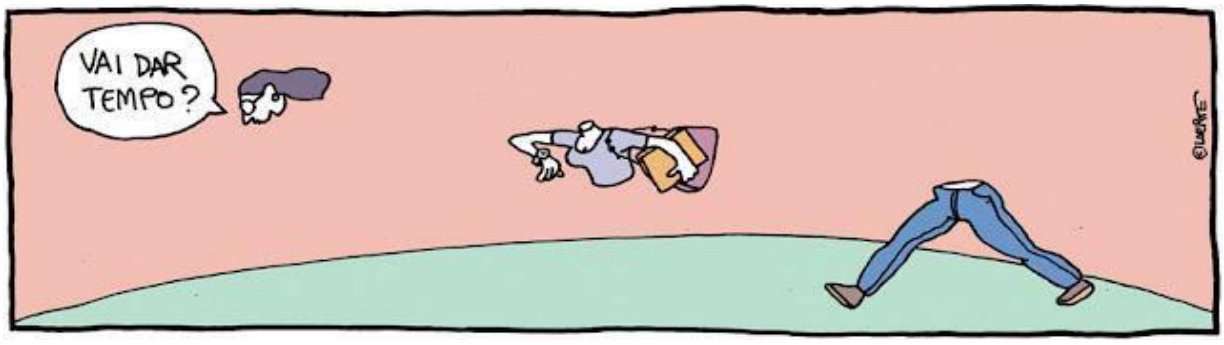
Outro aspecto observado diz respeito ao semblante da personagem. Em nenhum momento a personagem da tirinha esboça um sorriso ou apresenta algum tipo de

satisfação em fazer o que está fazendo. Essa personagem compreende a culpa e a responsabilidade de seus atos.

Além disso, percebemos diferença entre as figuras: a esteira é preenchida pela cor cinza e a figura humana é esquematizada por linhas, fato que remete ainda mais à leveza e à fugacidade dos corpos. Não poderíamos deixar de refletir especificamente sobre a imagem da caveira no último quadrinho, o qual representa o fim de uma escolha, de uma busca, ao mesmo tempo que representa o fim de qualquer um. A personagem, sujeita a cumprir um papel esperado dentro da sociedade, não percebe que a esteira, entendida como o caminhar, como a estrada, é um lugar mais agradável que a linha de chegada. Lembrando-nos que focamos tanto na linha de chegada que não apreciamos nossa trajetória.

Sob outra perspectiva, Barenco (2022) avalia que a imagem do indivíduo sobre a esteira representa uma crítica ao fordismo e à linha de montagem. Uma crítica ao sistema capitalista. É observada a crueldade do sistema, a crueldade de alguém que "gastou" a vida em uma corrida, em uma competição, mas não saiu do lugar. No entanto, ela afirma que isso é apenas uma visão, tendo em vista que, segundo Kant e Bakhtin, o tempo é uma construção coletiva, portanto, o coletivo é que elege a visão de tempo a qual irá seguir.

Figura 16 – Tempo 3



Fonte: Laerte (2018b).

Por muito tempo, na literatura, tempo e espaço eram aspectos considerados isoladamente. Bakhtin (2018), em uma direção oposta, une tempo e espaço em um conceito denominado cronotopo. Com o cronotopo, o tempo se torna visível no espaço e o espaço é medido pelo tempo, assim como o sujeito só existe no tempo-espaço-sentido.

A personagem acima, constituída no tempo-espaço-sentido, tem a cabeça separada do corpo, que ficou para trás. Faz-nos lembrar da ideia de Bakhtin, em *Para uma Filosofia do Ato responsável,* que nos diz “[...] o que é dado é dado para ser feito” (BAKHTIN, 2010, p. 11). Ao olhar para o relógio, a personagem verifica se vai dar tempo. Entende-se, assim, que ela tem algum compromisso e que precisa chegar a algum lugar.

Pela maneira como o corpo da personagem está fragmentado e pela fala contida no balão, fica evidente que há algum compromisso a ser cumprido e com horário marcado. Assim, o corpo multifacetado condiz com a postura de uma pessoa multitarefas.

Byung-Chul Han (2021) nos provoca, ainda, com uma afirmação que nos leva a uma reflexão profunda. Segundo ele, “[...] a multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem” (HAN, 2017, p. 31). Na vida selvagem, um animal tem que estar atento e ocupado com diversas atividades para não ser devorado, para sobreviver. Portanto, estaríamos nós retornando ao estado primitivo?

Aqui, o corpo fatiado, o corpo segmentado pela velocidade que precisamos empreender para darmos conta da velocidade do mundo moderno representa o trágico. “O sujeito do desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se despedaça sob a coação de ter de produzir mais desempenho” (HAN, 2021, p. 30). A personagem corre porque a produção precisa ser rápida... tempo é dinheiro... e, nesse sentido, o corpo padece, porque tem que acompanhar esse ritmo. Barenco (2022) considera aqui a existência de duas vozes. Uma que diz “vai”, porque a personagem tem que chegar a algum ponto e em um tempo determinado, e outra que diz “só se for se matando, se despedaçando”. Percebe-se, assim, a pressão sofrida pela personagem. Pressão essa exercida pelo tempo.

Já para Elias (1998), o tempo não utiliza nenhuma violência física contra o indivíduo. No entanto, a coerção exercida por ele é sentida na pele. O aumento da velocidade das coisas é uma característica da modernidade. Segundo o autor, o desenvolvimento social da medição do tempo, por meio de relógios e calendários, é o que possibilita a experiência do tempo como um fluxo constante e contínuo. E tal experiência só se dá em sociedades altamente industrializadas. Isso porque a racionalização do tempo nessas sociedades se deu com o objetivo de aumentar a produtividade.

Com o processo de industrialização e globalização, há a necessidade de preencher espaços cada vez maiores, em tempos cada vez menores. O imediatismo é que dita o passar do tempo e tudo o que temos que fazer ao longo dele, de tal forma que quem não atende às demandas desse novo mundo está excluído do processo. Nesse espaço-tempo, só há sucesso se houver velocidade.

Algo claramente observado na maneira como a personagem observa o relógio e, à medida que o tempo passa, o corpo da personagem também passa. Assim, percebemos que o tempo retratado aqui é Cronos, o tempo devorador de nossas vidas. Do mesmo modo que percebemos, por meio da personagem, a renúncia responsável de si mesmo, para fazer o que só ela pode fazer.

O quadrinho *Tempo* (Figura 16) retrata uma realidade atual em nossa sociedade. Uma sociedade escravizada pelo relógio e pelo que ele representa, o tempo.

Byung-Chul Han, em sua obra *Favor fechar os olhos* (2021), esclarece que essa aceleração tem como causa a incapacidade universal de concluir e encerrar. Para o autor, o tempo segue sempre em frente, sem parar e sem chegar a lugar nenhum. Assim, sem parada e sem direção, o tempo não detém nada e se lança ao vazio, um vazio sem sentido.

Figura 17 - Vida

Fonte: Laerte (2017).

Aqui, na última tirinha analisada (Figura 17), Laerte inicia sua narrativa por meio de uma mão segurando um relógio, com a seguinte fala, sem o uso de balões: “Nasceu...Já!”. Em nosso entendimento, o modalizador “já” enfatiza a rapidez com que algo ou alguém nasceu. E começa uma marcação do tempo, como numa corrida. No segundo quadrinho, é possível perceber que o relógio diminuiu de tamanho.

A fala, sem balões novamente, demonstra a liberdade e o controle do locutor em relação ao interlocutor. O tempo, representado pelo relógio, não pode estar preso em balões convencionais, ele é que nos prende.

A utilização dos verbos andar e falar, finalizados pelo ponto, demarca a fase de algum ser vivo que anda. E rapidamente fala. Os pontos mostram uma interrupção brusca de uma ação para outra e demonstram a simultaneidade entre uma ação e outra, ou seja, a rapidez do ciclo de uma vida.

No terceiro quadrinho, a mão segura um relógio ainda menor e fica evidente para nós que ela se refere ao ciclo de vida de um ser humano. Os substantivos colégio e faculdade, separados por um ponto final, demonstram-nos essa passagem temporal, por meio de um salto temporal. Como se o indivíduo passasse do colégio para a faculdade em um piscar de olhos. Por último, o verbo casar, empregado no passado, demarca mais uma fase da vida. Fase essa quase que concomitante ao colégio e à faculdade.

No quarto quadrinho, a mão segura um relógio que diminuiu ainda mais, mas que ainda funciona, fato esse compreendido por meio da expressão “tou marcando”. E nesse quadrinho o indivíduo passa da fase da filharada direto para a aposentadoria. O tempo passou, mas a vida ainda pulsa... O relógio não parou, ainda está marcando a hora.

No último quadrinho, o relógio aparece bem pequenininho, mas reforça o “tou marcando”, “tou marcando”... No entanto, não há nada além disso. O quadrinho nos indica que após a aposentadoria não há mais nada, há só o avançar do tempo e, assim como o relógio, ele está passando.

Não podemos deixar de mencionar que o passar do tempo, na tirinha acima, foi representado pelo relógio e no relógio. Quanto a esse instrumento, Elias (1998) nos afirma que os relógios são elaborados pelo homem e utilizados em algumas sociedades para servir de quadro de referência a outros processos sociais e físicos, ou seja, orientam o homem no tempo e no espaço. No caso da tirinha acima, orientam o homem em relação à trajetória da própria vida.

Ademais, Byung-Chul Han (2021) alerta que, hoje, as coisas ligadas ao tempo envelhecem muito mais rápido que antes. Assim como Krenak (2022) e Kohan (2022), o autor entende que o presente se reduz a um ínfimo fio de atualidade, tudo por conta dessa aceleração temporal.

Barenco (2022) avalia, também, que, na tirinha, há duas vozes com posicionamentos distintos, a polifonia que Bakhtin elogia. Segundo Barenco (2022), uma voz diz vai, vai que eu “tou marcando”, e a segunda diz “pode ir, mas se for não sobra nada”. Afirmativa essa caracterizada pelo próprio relógio que vai desaparecendo ao longo da tirinha, que representa o fim do ser humano que marca o passar do tempo. Barenco (2022) ainda reforça que, espacialmente, a primeira voz é sustentada pela linha de sucessão das fases da vida rumo ao futuro, enquanto a segunda voz se sustenta pela representação do relógio, encolhendo até seu desaparecimento, indicando, assim, tragicamente, o desaparecimento do próprio humano.

Mas o que une os quadrinhos? O que os quatro quadrinhos têm em comum? Bakhtin (2002), em *Questões de Literatura e estética,* diz que o dialogismo é uma orientação natural de qualquer discurso vivo e que apenas o Adão mítico, com sua primeira palavra, não estava condicionado a esse dialogismo.

Sob esse viés, consideramos o nascimento do discurso ao detectar o dialogismo presente nos quadrinhos que escolhemos para análise. Os quatro quadrinhos estão situados em um tempo-espaço em que as personagens se constituem, individualmente, mas retratando uma realidade universal. A efemeridade do tempo e o poder que ele tem de nos transformar. Observamos que outras obras de arte se relacionam com os quadrinhos da Laerte. Como nos diz Bakhtin (2011), as obras de arte estão em diálogo no grande tempo da vida, “[...] o diálogo infinito e inacabável que nunca morre” (BAKHTIN, 2011 p. 409). Assim, além dos quatro quadrinhos, escolhemos dialogar com dois poemas de Quintana.

3.7 O TEMPO E OS POEMAS DE QUINTANA

Segundo Machado (2004), Mário Quintana nasceu em Alegrete, RS, em 30 de julho de 1906. Vivenciou duas guerras, mas a delicadeza que o autor tinha com as palavras não foi afetada por elas. Quintana tinha um relacionamento estreito com as palavras

e as usava para diminuir os estrondos provocados por granadas e bombas. Não bastasse todo horror da guerra, ele também vivenciou o período de ditadura. Suas poesias eram um verdadeiro refúgio em tempo de guerra, eram liberdade em tempo de cela.

No poema *Seiscentos e sessenta e seis,* ou mais comumente conhecido como *O tempo*, podemos perceber essa delicadeza com as palavras e a presença do diálogo, da palavra do outro. Claro que aqui as palavras já não são mais as mesmas, mas dialogam com o discurso da Laerte em seus quadrinhos. Quanto a isso, Bakhtin (2011) nos alerta, em *Estética da Criação Verbal*, que nosso discurso está cheio de palavras alheias, que nosso discurso é pleno de palavras do outro, palavras essas adaptadas e enunciadas de acordo com a necessidade expressiva do outro falante.

Como toda obra de arte, o poema tem características específicas. Assim, nos poemas, a escolha das palavras se dá de maneira bastante cuidadosa, atribuindo essa especificidade ao gênero e, assim, alcança sua plurissignificação, cabendo ao leitor atribuir ao poema seu acabamento.

Sob tal perspectiva, levando em consideração a especificidade que é inerente ao poema, Goldstein (2006) orienta que não há receitas para analisarmos a obra poética. No entanto, há aspectos que devem ser levados em consideração no momento de análise e interpretação do texto poético. Seguindo esses indicativos, procuraremos compreender os poemas de Quintana, em diálogo com os quadrinhos da Laerte. Todavia se torna necessário o levantamento de alguns aspectos que conduzem nossa interpretação de tais textos.

Inicialmente, Goldstein (2006) afirma e demonstra que toda atividade humana se desenvolve dentro de certo ritmo. Ela exemplifica que o coração pulsa alternando batimentos e pausas, ainda menciona que há esportes que dependem do ritmo coletivo para um bom resultado final.

No poema, o ritmo também se faz presente e é facilmente percebido pelo leitor atento, que lhe atribuirá sentido levando em consideração tais ritmos. Ademais, a organização do poema em estrofes e a utilização de rimas acentuam ainda mais o ritmo percebido no poema.

Goldstein (2006) pontua de que maneira a época influencia na construção dos ritmos em um poema. Segundo a autora, poemas com ritmo mais calmo indicam um momento histórico também calmo, assim como uma época que favorece a autonomia dos cidadãos reflete na produção de poemas mais livres e autônomos.

Cândido (1999, p. 43), em *O estudo analítico do poema,* afirma que “[...] o ritmo é um fenômeno indissoluvelmente ligado ao tempo”. O autor ainda diz que “[...] o ritmo é a alma, a razão do movimento sonoro, o esqueleto que ampara todo o significado” (CÂNDIDO, 1999, p. 44).

Importante mencionar que, ainda segundo Cândido (1999), o homem que faz poesia conhece o ritmo da natureza, que preexiste à consciência do homem, ou é uma criação do homem que deriva das atividades sociais. Ele corrobora a visão de Goldstein (2006) de que todo poema é basicamente uma estrutura sonora evidenciada em alguns casos, enquanto em outros pode ocorrer de maneira discreta, no entanto, tal sonoridade é característica peculiar do gênero.

Goldstein (2006) instrui que, ao analisar um poema, há diversos aspectos a se considerar, tais como a métrica, tipo de estrofes, sonoridade e nível léxico, sintático ou semântico. Cada um desses aspectos será levado em consideração no estudo dos poemas de Quintana. Mas, antes de tal estudo, é necessário conhecer o autor e contextualizar a época em que ele escrevia.

Mário Quintana, poeta e tradutor brasileiro, era considerado escritor da segunda geração modernista, ainda que ele mesmo se dissesse alheio a escolas e movimentos. Formalmente, ele se colocava contra os modernistas, tanto que escreveu um livro de soneto em um momento em que o soneto era abominado; como se ele mostrasse que ser modernista não era apenas escrever versos livres, era ser livre para escrever da forma que assim desejasse.

Cabe refletir que o tempo da escrita de Quintana foi um tempo sombrio. Seu primeiro livro foi lançado em plena Segunda Guerra Mundial. Sua escrita ainda passaria pela Guerra Fria, pela Guerra do Vietnam e por duas ditaduras.

Já nesse contexto, estabelece-se o primeiro paradoxo de sua obra: tais violências não são enxergadas nela. Não poderíamos deixar de mencionar que, em uma época na

qual intelectuais eram engajados em questões sociais, Quintana se afastava de tais propósitos. Ousaria dizer que, em uma atitude individualista, mas não egoísta, não se manifestar sobre tais assuntos seria a própria manifestação.

Ao pesquisar sua obra, percebe-se que Quintana debruça-se sobre a infância, sobre a morte, sobre o espaço e sobre o tempo. E é a temática do tempo, na obra de Quintana que a nós interessa abordar. Tal temática será abordada em diversos poemas e será pesquisada por meio do poema “Seiscentos e sessenta e seis”.

Seiscentos e sessenta e seis
A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas
Quando se vê, já é 6ª-feira
Quando se vê, passaram 60 anos
Agora, é tarde demais para ser reprovado
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.
Seguia sempre, sempre em frente…
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.”
(QUINTANA, 2013, p. 38)

Seiscentos e sessenta e seis foi publicado em 1980, no livro *Esconderijos do tempo,* e ficou popularmente conhecido como *O tempo*. É uma composição pequena de versos livres, talvez até mesmo para sugerir essa liberdade que o tempo tem de nos tomar a vida.

Quanto à definição de verso, Cândido (1999) o trata como um conjunto de fonemas, depois como uma série de combinações de fonemas, sílabas e, então, uma combinação maior responsável pelo ritmo. Todavia, o autor retrata que, para o leitor, o verso se compõe de palavras.

No primeiro verso, Quintana parece se referir ao nascimento, “A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa”. Nesse verso, a vida está associada a uma ideia de responsabilidade, de dever. Fica caracterizado nesse verso o que Bakhtin nos mostra em *Para uma filosofia do ato responsável*, em que “[...] tudo o que pode ser feito só pode ser feito por mim” (BAKHTIN, 1997 p. 11), assumindo o reconhecimento de sua singularidade.

É observável também que Quintana busca uma adesão do interlocutor, logo no primeiro verso, quando nos inclui no diálogo por meio do pronome “nós”. A vida não é

um dever que só “ele” trouxe para fazer em casa. É um dever que “ele” e o “outro” trouxeram para fazer em casa. Ao mencionar o verbo “dever”, Quintana parece querer nos mostrar que a vida é uma tarefa escolar, algo relacionado a uma obrigação, que possui prazo para ser cumprido.

Em relação ao aspecto formal, podemos observar que este verso é mais longo, transmitindo, assim, a ideia da quantidade de deveres que temos que cumprir.

Quintana reserva no poema os espaços ocupados do 2° ao 4° verso para a vida propriamente dita. Para o passar da vida e do tempo. Tempo este demarcado por horas, “quando se vê já são 6 horas”; por dias, “quando se vê já é sexta-feira”; por anos, “quando se vê passaram 60 anos”. Da maneira como colocada, a passagem do tempo constituiu uma gradação.

Cabe evidenciar que a passagem do tempo está sempre marcada pela proximidade com o fim. Seis horas, o fim do dia; sexta-feira, o fim de semana; sessenta anos, o fim da vida profissional e, ao mesmo tempo, da vida em si, já que em tempos modernos só se é vivo enquanto somos geradores de renda.

Aqui, os três versos são menores, indicando o contraste em relação à primeira estrofe. Os deveres são muitos, mas a vida é pouca. Não podemos deixar de mencionar que o advérbio/modalizador “quando” também ratifica essa ideia da temporalidade. A escolha não é ao acaso. A escolha pela palavra “quando” faz parte do discurso de Quintana, discurso esse que situa a palavra.

No quinto verso, quando Quintana diz “se me dessem - um dia - outra oportunidade”, o autor parece arrependido, pois se dessem outra oportunidade ele faria diferente, “ele nem olharia o relógio e “seguiria em frente”. Esse arrependimento interrompe o paralelismo encontrado no 2°, 3° e 4° versos.

No sexto verso “...E se dessem - um dia - uma outra oportunidade”, Quintana isola a expressão “um dia”, como se enfatizasse que tudo o que ele precisava era de mais um dia.

No último verso, o poeta conclui a reflexão: se dessem outra oportunidade ele iria “jogando pelo caminho a casca inútil das horas”. Ele nega o tempo *Cronos*, opõe-se à

maneira como entendeu o tempo e se propõe, caso haja outra vida, a vivê-la sob outra perspectiva temporal, pois entendeu a inutilidade de se contar o tempo cronologicamente. Ao perceber a efemeridade, esse passar do tempo sem interrupções, tomamos consciência de nossa finitude e de nossa impotência diante dele. Surge, assim, o desejo de uma nova oportunidade, para fazer diferente e reescrever a história.

Em seu jogo metafórico com as palavras, Quintana transita pelo presente, repensa o passado e projeta um futuro.

Em relação ao aspecto formal, o poema não possui rimas, nem é regular na sua estrutura métrica. Talvez justamente para demarcar o descompasso entre as coisas que queremos fazer e as coisas que devemos fazer, tudo isso guiado pelo tempo. Tempo em que os deveres ficam sempre em primeiro plano.

Quintana retratou o tempo em diversos poemas seus. Escolhemos um segundo poema para entrar no diálogo. Nele, Quintana consegue sintetizar, em dois versos, todo seu pensamento em torno da efemeridade do tempo. Tal qual o poema é breve, a vida também é. E assim ele nos diz: “O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações de minha família” (QUINTANA, 2013, p. 702).

Ao retratar o relógio como o mais feroz dos animais domésticos, Quintana demonstra como o tempo se disfarça de um animal inofensivo, mas que no fim devora gerações inteiras. Essa caracterização evidencia que Quintana, assim como Laerte, retratou nas obras escolhidas o tempo *Cronos*, o devorador de gerações. Para tanto, ele o representa por meio do relógio.

Nesse poema de Quintana, pequeno em tamanho, mas cheio de significado, fica o pensamento da efemeridade do tempo e da brevidade da vida. Brevidade essa acentuada pelas exigências do mundo moderno. Efemeridade contra a qual não há o que fazer, pois o tempo é assim, “[...] um animal doméstico, que devora nossas gerações”.

O estudo dos poemas de Quintana dá vida ao que nos diz Bosi (1977), em *O ser e o tempo da Poesia*. Quando o poeta fala de seu tempo, ele o faz não de maneira

ideologizada, mas sim com uma memória rica da linguagem. Nessa perspectiva “[...] a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência, não um passado cronológico puro - o dos tempos já mortos -, mas de um passado presente que se atualiza no modo de ser” (BOSI, 1977, p. 111).

Ao analisarmos os quadrinhos da Laerte, em diálogo com os poemas de Quintana, fica claro que, ainda que retratem o mesmo tema, o discurso é único em cada autor, pois reflete a individualidade do falante, realçando a ideia de que as palavras não são de ninguém e que “[...] um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, fazendo dado texto comungar no diálogo” (BAKHTIN, 2017, p. 67).

Quando colocamos Laerte e Quintana em diálogo, por meio dos quadrinhos e dos poemas escolhidos, conseguimos enxergar com clareza as definições de Bakhtin, tais como a responsividade, o dialogismo, a polifonia, a alteridade.

Ao compararmos os quadrinhos com os poemas de Quintana, percebemos que o tempo retratado nas obras é o tempo cotidiano, o tempo cronometrado, o tempo das pequenas coisas. “Mas para compreendê-los e mensurar seus significados temos que lembrar que eles estão situados em um tempo grande, onde há um diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido nunca morre" (BAKHTIN, 2011, p. 409).

Nesse grande tempo, só há sentido com a presença de um “terceiro” na comunicação, por meio do distanciamento, da exotopia. Para Bakhtin, só o outro pode dar acabamento, o qual não deve aprisionar, mas sim ser generoso[1].

O que Laerte e Quintana fazem em seus quadrinhos e poemas é retratar o pequeno tempo, o tempo que pode ser medido, que organiza as ações cotidianas, mas isso só é possível por conta do grande tempo. Lugar onde nada desaparece sem deixar rastros, lugar onde tudo ressuscita para uma nova vida.

Ao final dessas análises, reconhecendo a singularidade de cada autor, pretendemos alcançar nosso público-alvo, levando-o a uma posição ativa e responsiva, estimulando

[1] Conferir o artigo BUBNOVA, T. O que poderia significar o “Grande Tempo”. **Bakhtiniana. Revista de estudos do Discurso**, v. 10, n. 2, p. 5-16, 2015.

todo esse potencial discursivo dos quadrinhos, em diálogo com os poemas de Quintana.

Dois gêneros aparentemente tão distantes, se considerarmos os aspectos formais, mas tão próximos, se entendermos que um só tem um novo sentido quando em contato com o outro, fazendo germinar o diálogo e a resposta.

3.8 A CONTRAPALAVRA

Quando falamos em dialogismo, temos que lembrar que o diálogo não se dá de maneira harmoniosa, ao contrário, ele se constitui em meio ao embate, como em uma arena de lutas, e assim a palavra exige uma resposta: a contrapalavra. Como contrapalavra, escolhemos a canção de Lenine *Paciência*.

Segundo Silvio Ramiro (2013), Lenine é um ícone da música popular brasileira. Possui mais de 500 músicas, já indicado ao prêmio Grammy e foi interpretado por grandes cantores do cenário nacional, como Elba Ramalho e Maria Rita. Desde cedo, foi influenciado pelo pai que, aos domingos, ouvia músicas, ao invés de ir à igreja com a mãe. As audições contavam com um repertório variado. Dorival Caimmy e Tchaikovsky são apenas exemplos do vasto repertório que fazia parte das audições de domingo.

A canção *Paciência* é um grande sucesso e foi lançada em 1999. Ao ser indagado sobre a origem da música, o cantor afirma que ela foi composta “do nada” em sua mente, quase que “psicofonada”. Vamos à letra da canção:

Paciência
Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora vou na valsa
A vida tão rara
Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
E o mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência
Será que é o tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder

E quem quer saber
A vida é tão rara, tão rara
Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
Eu sei, a vida não para
A vida não para não
A vida não para não [...].
(LENINE, 1999)

A paciência é como a “cura do mal” em tempos tão conturbados. A melodia tranquila e a letra forte nos levam a uma reflexão profunda, tudo devido ao ritmo da canção, que tende a nos desacelerar e a nos transportar para um mundo de calma.

O título já deixa explícita a ideologia da canção, confirmada logo nos primeiros versos. O eu-lírico “se recusa”, “faz hora”, “vai na valsa”, “enquanto o tempo acelera e pede pressa”. Tais versos representam uma ideia oposta às contempladas nos quadrinhos da Laerte e nos poemas de Quintana.

Enquanto nos quadrinhos da Laerte os personagens se desintegram com a experiência do passar do tempo e se fragmentam em busca de chegar a algum lugar sempre na hora certa, na canção *Paciência*, o personagem se recusa a ser devorado pelo relógio, talvez pelo fato de o eu-lírico já ter constatado que “[...] mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma, a vida não para”. Assim, não há motivo para se desgastar na correria da vida, então ele se recusa a ter esse desgaste.

Se pararmos para observar, essa recusa se encontra até mesmo pelo jogo de palavras utilizadas que demonstram uma oposição entre o que se deveria fazer e o que é feito. É o que encontramos nos pares de palavras corpo x alma, pressa x calma, loucura x normal. A antítese das palavras traduz a antítese da vida; a antítese do eu lírico que tem que prosseguir, mas se recusa.

Na segunda estrofe, o eu-lírico assume que viver nesse ritmo de vida acelerado é uma loucura, mas “finge que isso tudo é normal”. Ademais, a espera de mais paciência é recíproca: “[...] a gente espera do mundo e o mundo espera de nós um pouco mais de paciência”.

Na terceira estrofe, o eu-lírico tenta uma abordagem pessoal com o leitor, uma aproximação: “[...] será que é o tempo que lhe falta para perceber” [...], “ A vida é tão

rara, tão rara”. Assim, o eu-lírico deixa em evidência que ter mais calma e ter mais paciência não é um dever só dele, uma responsabilidade só dele, mas do outro também.

Os quadrinhos da Laerte e os poemas de Quintana mostram esse tempo que passa e nos faz passar com ele. No entanto, a música de Lenine propõe a existência de um tempo mais paciente e compassivo. É preciso compreender as diversas concepções de tempo e se abrir a novas possibilidades, afinal, “a vida é tão rara”.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, apoiamo-nos no dialogismo, conforme os preceitos bakhtinianos, os quais apontam que o objeto da pesquisa em ciências humanas é o ser expressivo e falante, um ser inesgotável em seu sentido e significado.

Apoiamo-nos também em Souza e Albuquerque (2012), que completam as proposições de Bakhtin, ao considerarem que o fundamento da pesquisa em ciências humanas é a interlocução entre pesquisador e o seu outro, ganhando uma especificidade que deve ser caracterizada. O foco, então, não está na fala do sujeito tomada de maneira isolada, mas sim no dialogismo estabelecido entre o pesquisador e o seu outro, produzindo sentidos, acordos e negociações sobre o que pensam acerca de determinado assunto.

Segundo as autoras, o outro é alguém cuja palavra se confronta com a do pesquisador, refratando-a e exigindo-lhe resposta. Por outro lado, o pesquisador se recusa a assumir a neutralidade exigida por uma determinada concepção de método científico e participa das relações e experiências, muitas vezes contraditórias, que o encontro com o outro proporciona. Assim realizamos nossa investigação.

4.1 ETAPAS DA PESQUISA

Nossa pesquisa foi dividida em diversos momentos. O primeiro passo foi dado em abril de 2021, quando, ainda na pandemia da Covid-19, encontramo-nos (orientadora e orientanda) virtualmente, via *Google Meet,* para a realização dos diálogos iniciais sobre a temática do trabalho. Naquele momento, por meio da troca de experiências, delimitamos o tema da pesquisa e os sujeitos envolvidos no processo (5ª e 6ª etapas da Educação de Jovens e Adultos).

A escolha da turma se baseou na ideia de que, como são sujeitos da experiência, com uma vivência diferente dos estudantes das turmas regulares, trariam para o diálogo percepções pertinentes à temática abordada.

O segundo momento ocorreu algumas semanas depois, também de forma virtual. Escolhemos quais teóricos embasariam nossa pesquisa e estabelecemos quais seriam os objetivos gerais e específicos do trabalho.

No terceiro momento, foi necessário realizarmos uma pesquisa bibliográfica em *sites* específicos, como o portal da BDTD, no intuito de reunirmos experiências de pesquisas similares para nos auxiliarem na construção da nossa investigação.

Após esse passo, foi preciso pedir autorização ao diretor para que a pesquisa se realizasse. Assim, além de dialogar com o diretor e apresentar a pesquisa para ele, foi o momento de apresentar a ideia aos estudantes e ao professor regente da turma, para assegurar a aplicação da pesquisa. Durante essa etapa, utilizamos a observação em sala de aula, roda de conversa e levantamos alguns conhecimentos prévios para fomentar os planos de aulas para as intervenções.

Partindo das investigações iniciais, ideias, pesquisas e leituras, começamos a traçar um esboço de um produto educacional que pudesse nos propiciar a experimentação da leitura de poemas e de quadrinhos em turmas da EJA, de forma a percebermos e fomentarmos o dialogismo, a responsividade, junto aos estudantes.

A partir daí, iniciamos de fato nossas aulas com atividades interventivas, divididas em sete momentos discriminados a seguir, em capítulo próprio), com o objetivo de desenvolver atividades junto aos estudantes para que pudessem ler de maneira responsiva os quadrinhos da Laerte e os poemas de Quintana, observando o diálogo e a temática existente entre as obras de ambos.

Como instrumentos nesse processo, utilizamos o aparelho celular para anotar e registrar com imagens e um portfólio com registros das atividades realizadas pelos estudantes. Assim, a produção de dados, baseada na pesquisa dialógica, ocorreu com uma dinâmica de perguntas e respostas, fala, escuta e produção de sentidos.

4.2 A UNIDADE ESCOLAR

A pesquisa foi aplicada em uma turma de 12 alunos da 5° e 6°etapas da modalidade EJA, na escola “Bernardo Horta”, em Irupi, Espírito Santo. Atualmente, a escola atende a mais de 1.000 estudantes, nos turnos matutino, vespertino e noturno, por

meio das modalidades de tempo integral, tempo regular, EJA e técnico profissionalizante.

Figura 18 - Escola “Bernardo Horta”

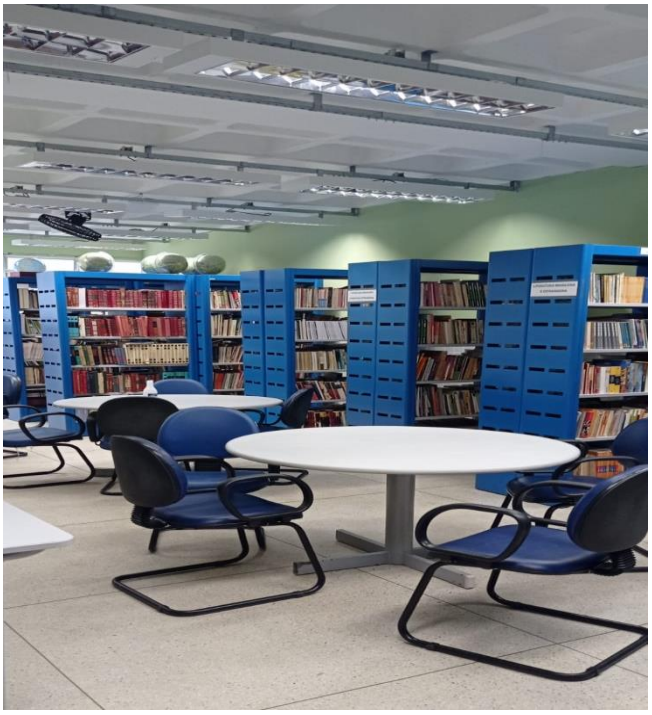
Fonte: Acervo pessoal da professora Daize Miranda (2023).

A escola, localizada no coração da cidade, possui uma boa estrutura física. Recentemente, passou por uma reforma de R$9 milhões. Conta com um bom número de *datashows* e laboratório móvel com 40 *Chromebooks*, além de computadores disponíveis para os professores de um modo geral.

Por um lado, o acervo tecnológico viabiliza o trabalho com metodologias diversificadas, por outro, gera um trabalho a mais, já que temos que montar e desmontar os *datashows* de sala em sala. Ademais, como a escola é grande e possui uma grande rotatividade de professores, os aparelhos, ou alguns de seus componentes, sempre estragam ou somem. Há uma expectativa de que isso melhore. Como solução para o problema, os *datashows* serão instalados permanentemente em cada ambiente, o que irá nos poupar tempo e trabalho.

A unidade de ensino conta também com uma biblioteca com um bom acervo e mesas redondas para estudo, mas não temos bibliotecária. O espaço foi reduzido para dar lugar a uma nova sala de aula.

Figura 19 - Biblioteca escolar



Fonte: Acervo pessoal da professora Daize Miranda (2023).

5 ANÁLISE DOS DADOS

Partindo dos preceitos de uma pesquisa dialógica, baseada em conceitos bakhtinianos que consideram o objeto da pesquisa em ciências humanas o ser expressivo e falante, como um ser inesgotável em seu sentido e significado, realizamos, no período de 1º a 30 de novembro de 2022, o total de sete encontros, na EEEFM Bernardo Horta, situada no município de Irupi, para compreender como o diálogo entre os quadrinhos da Laerte e os poemas de Quintana poderiam contribuir para a formação do leitor responsivo, estimulando a leitura crítica e a resposta sobre o tema: a efemeridade do tempo.

Quadro 4 - Encontros e temas das aulas ministradas para a pesquisa

Data	Duração	Tema da aula
01/11/2022	60 min	O tempo
06/11	60 min	Poema de Mário Quintana “Seiscentos e sessenta e seis”
06/11	60 min	Quadrinhos da Laerte “Vida”
08/11	60 min	Quadrinhos da Laerte “Tempo 1”
08/11	60 min	Quadrinhos da Laerte “Tempo 2”
20/11	60 min	Quadrinhos da Laerte “Tempo 3”
20/11	60 min	Quadrinhos da Laerte “Tempo 4”

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Aqui cabe mencionar que os estudantes foram convocados a pensar sobre os preceitos bakhtinianos. Não se trata de um pensar de modo ocasional ou aleatório, tendo em vista que cada estudante só pode pensar devido às experiências vivenciadas por ele. Assim, cada resposta tem a marca pessoal e intransferível de cada um.

É importante salientarmos que realizamos a pesquisa considerando as ideias de Bakhtin, no sentido de não haver jamais nem primeira, nem última palavra, e que o diálogo não está restrito ao passado ou comprometido com ele. O diálogo está comprometido com a renovação do sentido e, por isso, não estará concluído ou acabado, de forma que os diálogos iniciados com a pesquisa não se findam nela.

Assim, com a finalidade de verificar se nossos objetivos foram alcançados, parte de nosso produto educacional foi aplicada. Algumas atividades específicas foram escolhidas para esse fim, tendo em vista que o produto é extenso, não sendo possível aplicá-lo na sua integralidade nas turmas propostas, devido ao tempo previsto e a disponibilidade do professor regente das turmas, que nos cedeu muitas de suas aulas.

Desse modo, no primeiro encontro, dos 12 alunos matriculados na turma, encontravam-se apenas seis na escola. Os alunos dessa turma são faltosos. Os que moram na zona rural muitas vezes são impedidos de chegar à escola devido às chuvas; os que moram na zona urbana possuem um horário de trabalho estendido, o que dificulta a participação assídua nas aulas.

Nesse primeiro encontro, lançamos a discussão sobre a temática “Tempo”. No contexto social atual, o tempo é para nós, cidadãos comuns, pertencentes às sociedades industrializadas, aquilo que orienta nossas ações, que nos guia no mundo em sociedade. Mas não é só isso. Então, para descobrirmos o que é o tempo para os alunos, aplicamos o seguinte questionário.

Quadro 5 – Questionário aplicado aos alunos

ATIVIDADE 1 1) Se você tivesse que definir o tempo em uma única palavra, qual seria? Vamos produzir uma nuvem de palavras, com o auxílio de um aplicativo. https://wordart.com/ 2) Por que se orientar no tempo é tão importante? 3) Durante nossa vida, realizamos atividades por obrigação, para cumprir algum dever ou realizamos atividades por prazer. Quais atividades você realiza ao longo do dia que lhe dá prazer? Quando você realiza tais atividades, como você sente o tempo passar? Você sente que ele passa muito rápido ou que demora? 4) E quando você realiza alguma atividade que considera difícil de realizar ou que você não gosta de algo que você faz como cumprimento de um dever. Você sente o tempo passar da mesma forma. Por que isso acontece?

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao responderem a primeira pergunta, utilizando o aplicativo WordArt, as respostas recebidas foram compiladas em uma nuvem de palavras. O resultado pode ser apreciado por meio da imagem a seguir.

Figura 20 – Nuvem de palavras

Fonte: Acervo pessoal da professora Daize Miranda (2023).

Nesse momento, com essa atividade dialógica, foi dado o primeiro passo. Houve uma tomada de posição, uma ação arriscada se iniciou. Houve o *Postupok*. Para nós, sob a luz das teorias de Bakhtin (2010), o *Postupok* representa esse ato de fala, de ação, intencional e singular, de maneira que não há possibilidade de substituição de nenhum dos sujeitos em sua obrigação de responder com responsividade, a partir de seu lugar único.

Aqui, buscamos a compreensão responsiva que evidencia um elo entre compreensão e escuta, escuta que fala. Às vezes uma fala que se dá imediatamente, outras vezes uma fala que irá demorar a ocorrer.

Assim, ao analisar as respostas encontradas, não pretendemos comparar um indivíduo em relação ao outro. Desejamos apenas demonstrar que há níveis diferentes de responsividade, sendo que um mesmo indivíduo pode apresentar respostas com diversos graus de responsividade, os quais são possíveis devido ao envolvimento mais ou menos ativo dos indivíduos em relação aos questionamentos feitos.

Ao escolher um termo para representar o tempo por meio de uma única palavra, os estudantes escolheram palavras como “rapidez” ou “correria”, no entanto uma resposta chama a atenção. A aluna W. representou o tempo por meio da palavra “*capacidade”*. Ao ser questionada sobre o motivo da escolha, ela explicou que: “Se o

tempo passa muito rápido, a cada dia nós temos que ter mais capacidade para fazer tudo rapidamente".

Ao responder, a aluna W. demonstrou o que Bakhtin (2010, p. 40) nos diz:

> Cada um dos meus pensamentos, com seu conteúdo, é um ato singular responsável meu, é um dos atos de que se compõe minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver- agir.

Com sua resposta, W. compartilhou com os colegas aquilo que só ela podia ver da posição em que se encontrava.

No momento em que W. afirmou que se o tempo passa mais rápido é preciso ter "[...] capacidade para fazer tudo mais rapidamente", ela realizou o movimento da transgrediência. Ela se abriu para o outro em direção a nós, mantendo uma distância crítica, preservando-se e não fundindo-se ao outro.

Quadro 6 – Respostas dos alunos ao questionário

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
"É importante se orientar no tempo? Por que isso é importante?"	W.	Não quis responder.
	D.	Não explicou a importância de se orientar no tempo, mas concordou que isso era importante.
	E.	"Se não nos orientarmos no tempo ficaremos perdidos, sem organização."
	L.	Importante porque "assim temos hora certa para tudo."
		A estudante L. também considera importante se orientar no tempo. Segundo ela, a orientação no tempo permite uma organização maior. Com um tempo certo para a realização de cada tarefa.
	P.	"Se não houver essa orientação, corre-se o risco de não realizar nada ao longo do dia".
	K.	"Ter uma orientação no tempo é importante, porque assim é possível saber o momento certo de plantar e de colher".

Fonte: elaborado pela autora (2023).

A resposta de L. condiz com sua individualidade, assim, ela respondeu com a vida ao questionamento. L. é doméstica, logo, para ela, é fundamental ter uma organização temporal para a execução das tarefas cotidianas.

O estudante K. conseguiu dar o acabamento, que só podia vir dele e do lugar que ele ocupa. Ele é agricultor. Aqui, como Bakhtin (2020) nos diz, na vida, após vermos a nós mesmos pelos olhos dos outros, sempre voltamos a nós mesmos.

Com base nas respostas dos estudantes, visualizamos a ideia de Byung-Chul Han (2017) no que diz respeito à afirmação de sermos empresários de nós mesmos. Assim, de acordo com as respostas obtidas nessa questão, fica claro que os sujeitos da pesquisa estão entregues à sociedade moderna, seguindo o padrão de produção imposto por ela, independentemente da idade que tenham.

Por meio de tais respostas fica evidente também que há uma relação de alteridade e singularidade em um sentido de conexão com o universo. Tais respostas são irrepetíveis e únicas, passíveis de mudança, de uma forma que essas características constituem a base da existência de cada respondente.

Em sequência, quando perguntados “Quando você faz atividades que lhe dá prazer, como você sente o tempo passar? Você sente que ele passa muito rápido ou que demora?, todos afirmaram que o tempo passa rápido demais. No entanto, o estudante K. observou que, “mesmo quando ele está trabalhando, o tempo passa rápido demais”. Segundo ele, a rotina faz isso.

Tal resposta parece apontar que os estudantes tiveram um vivenciamento ativo em relação ao que lhes foi questionado, chegando a um acabamento, algo que só poderia vir como resultado das vivências que apenas eles têm. Quanto a isso, Bakhtin (2010) afirma que é no mundo em que vivemos, no mundo único, onde cada um se encontra, quando faz reflexões e/ou quando toma decisões, é desse lugar que participamos, com atos singulares e não indiferentes.

Na tentativa de estabelecer um diálogo, em um segundo momento, lançamos aos estudantes a seguinte questão: “Vocês conhecem alguma sociedade que não utiliza relógios ou calendários para organizar o tempo? Como seria viver em uma sociedade dessas?”

Quadro 7 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
"Vocês conhecem alguma sociedade que não utiliza relógios ou calendários para organizar o tempo? Como seria viver em uma sociedade dessas?"	E.	"Não gostaria de viver nesse lugar, pois lá eu não saberia a data do meu aniversário".
	D.	"Não gostaria de viver nesse lugar, pois não saberia viver sem tais instrumentos".
	P.	"Seria bom, mas não soube explicar o motivo."
	W.	"Seria normal. Iria me acostumar a viver sem relógio e sem calendário, seria tudo normal".
	K.	"Seria normal. Iria me acostumar a viver sem relógio e sem calendário, seria tudo normal".
	L.	"Poderia me acostumar, mas até lá seria difícil".

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Todos afirmaram que há sociedades que não utilizam relógios ou calendários. Segundo eles, algumas tribos indígenas são assim, guiam-se pelo sol e pela lua. Porém, quando tiveram que responder como seria viver nessas sociedades, a turma ficou dividida.

Com base nas questões iniciais, fica demonstrado que há uma necessidade de contextualização do tema para que os alunos tenham melhores condições de dialogar sobre ele. No entanto, mesmo com essa necessidade, é possível perceber que todos, à sua maneira, possuem certo grau de responsividade em suas respostas. Nesse sentido, não houve fuga da responsabilidade.

Em nosso segundo encontro, a poesia de Mário Quintana, *Seiscentos e sessenta e seis*, protagonizou nossas discussões. Dizemos "protagonizou" porque entendemos a poesia "[...] como um espaço da liberdade pessoal, individual e intransferível" (TEZZA, 2003, p. 70). Nesse sentido, a poesia não está a serviço de nada, além de si mesma.

Pactuando com as ideias de Tezza (2003), o poema *Seiscentos e sessenta e seis* foi apresentado aos estudantes participantes da pesquisa.

Seiscentos e sessenta e seis
A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas

Quando se vê, já é 6ª-feira
Quando se vê, passaram 60 anos
Agora, é tarde demais para ser reprovado
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.
Seguia sempre, sempre em frente…
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.”
(QUINTANA, 2013, p. 38)

Inicialmente, questionamos se eles conheciam o gênero textual poema, por meio da pergunta apresentada no quadro a seguir.

Quadro 8 – Resposta dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
“Você conhece o gênero acima? Ele se assemelha a algum texto que você encontra no cotidiano?”	E.	“Poema”.
	D.	“Poema”.
	P.	“Poema”.
	L.	“Não conheço. Eu realmente não sei. Seria uma instrução?”.
	W.	“Não conheço. Acho que é uma tirinha”.
	K.	“Conto”

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nesse sentido, Bakhtin (2020, p. 265) diz que

> O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida.

Sendo assim, foi necessário apresentar o gênero aos alunos, demonstrar suas especificidades, para que eles tivessem mais condições de prosseguir.

Quadro 9 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
“Leia e reflita sobre o poema. Quais reflexões esse texto desperta em você?”	K.	“Fala de aproveitar o tempo, pois ele passa rápido demais”.
	E.	“Fala de aproveitar o tempo, pois ele passa rápido demais”.
	D.	“Fala de aproveitar o tempo, pois ele passa rápido demais”.
	P.	“Fala de aproveitar o tempo, pois ele passa rápido demais”.
	L.	“Fala de aproveitar o tempo, pois ele passa rápido demais”.
	W.	“Fala de aproveitar o tempo. Eu, por exemplo, na hora certa deixei a oportunidade passar e parei de estudar”.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nessa questão, houve quase uma unanimidade. A maioria respondeu que o poema “fala de aproveitar o tempo, pois ele passa rápido demais”. No entanto, a aluna W. foi mais específica. Ela mencionou que, “na hora certa, deixei a oportunidade passar e parei de estudar”. Assim, W. respondeu com a própria vida, atribuindo sentido ao que ela vivenciou.

Tal questão, talvez em um nível mais elevado que as demais, expôs o dualismo existente entre o mundo da vida e o mundo da cultura. Com essas respostas, o ato de atividade de cada estudante conectou a objetividade do mundo da cultura e a singularidade irrepetível da vida, de tal modo que as reflexões contemplaram as duas vertentes, superando a separação entre ambas.

Tais respostas nos levam a compreender, na prática, que “Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um conteúdo, é um ato singular responsável meu” (BAKHTIN, 2010, p. 40). Assim, os estudantes agiram com a vida e cada resposta, cada ato singular constitui um momento do viver-agir.

Em nosso 3° encontro, os quadrinhos da Laerte “Vida” e “Tempo” guiaram nossas discussões.

Figura 21 - Vida

Fonte: Laerte (2017).

Então, quando questionados sobre a temática dos quadrinhos acima, quase todos responderam que os quadrinhos retratavam o tempo ou a passagem dele.

Quadro 10 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
"Qual a temática abordada nas tirinhas acima?"	E.	"Fala do relógio".
	D.	"Fala do relógio?"
	P.	"Do relógio"
	L.	"Começou a vida, fez todo percurso, estudou, fez faculdade, teve filho, alcançou um objetivo.
	W.	"Tempo"
	K.	"Viver o nosso dia a dia".

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Desse modo, tais respostas dialogam com o que Brait (2021) nos diz sobre o dever de pensar. Segundo a autora, existe o dever de pensar e a impossibilidade de não pensar, que são dados pela posição que ocupo em um dado contexto da vida real e concreta.

Aqui, nesse diálogo, fica demonstrado o conceito de dialogismo, tão difundido por Bakhtin (2011). Nesse sentido, ao lançarem mão de seus discursos, a linguagem é colocada em ação, de modo que não há um apagamento de vozes, mas sim uma interação entre os diferentes discursos. Sob essa ótica, o sujeito não inaugura uma linguagem, pois ele se constitui na relação com os outros sujeitos. Sendo assim, o

sentido construído com base nos diferentes discursos constitui o dialogismo. Além do mais, a alteridade, também se manifesta aqui. As diferentes respostas à pergunta comprovam a ideia de unicidade caracterizada pelo conceito de alteridade, pois fica evidente que cada um respondeu em virtude de todas as experiências pelas quais os sujeitos passaram. De forma que um contribui para a completude do outro.

Já a segunda questão era: “Você consegue perceber que há uma crítica implícita no texto acima? Qual seria essa crítica?”

Quadro 11 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
“Você consegue perceber que há uma crítica implícita no texto acima? Qual seria essa crítica?”	E.	“Não compreendi”.
	D.	“É que o tempo está cada vez mais curto”.
	P.	“O tempo está cada dia mais curto”.
	L.	“As horas vão passando e eu não vou conseguir fazer uma faculdade”.
	W.	“Se a pessoa cresceu, tem a obrigação de fazer alguma coisa para ter um futuro melhor”.
	K.	“Que o tempo está diminuindo”.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

As respostas dadas pelos estudantes evidenciam aquilo que Nobert Elias (1998) retratou muito bem, o poder de coerção que o tempo tem. Na fala dele, podemos perceber o caráter coercitivo do tempo, algo vivenciado desde muito cedo por nós humanos e que guia a vida até a idade adulta. Para Elias (1998), se no decorrer dos primeiros anos de vida não aprendermos a nos moldar em função do tempo, se tornará muito difícil desempenhar um papel na sociedade. Talvez, por essa razão, D., P., L., W. e K. tenham essa sensação de redução do tempo e de necessidade de fazer algo, como uma faculdade ou “alguma coisa para ter um futuro melhor”.

Nosso terceiro questionamento tinha como objetivo compreender se os alunos entendiam as diferenças e semelhanças entre o poema de Quintana e os quadrinhos da Laerte.

Quadro 12 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
“Você conseguiria apontar semelhanças ou diferenças entre os dois textos acima? Vamos conversar sobre isso.”	E.	“Os dois são semelhantes. Falam do tempo”.
	D.	“Todos dois falam do tempo. O tempo passou. Não vejo diferença”.
	P.	“Eu penso que falam da nossa vida. De família e filhos”.
	L.	O poema “orienta a não perder tempo”, já os quadrinhos demonstram que “a personagem fez apenas o que deu tempo”.
	W.	“Um fala do nascimento, outro do tempo”.
	K.	“Semelhanças. Eles falam que o tempo das pessoas passa rápido demais.”

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Tal questão nos leva a refletir a vivência ativa encontrada nas respostas, em que os estudantes não se perdem totalmente de si mesmos. Aqui, o objeto não toma conta do ser e contribui para a construção de algo novo. Nesse sentido, Bakhtin (2020) nos diz que o ativismo estético não está na atividade do artista-autor, mas na vida singular dos elementos não estéticos, manifestando-se numa série de atos que partem do outro e afirmam o acabamento estético. Assim, quando os estudantes respondem, estão exercendo o privilégio de estarem do lado de fora. Mesmo que a resposta dada não seja uma resposta prevista ou considerada adequada, exige uma tomada de posição ativa, e a compreensão de tais questionamentos dá início a um novo sentido e demonstra que toda compreensão da fala é viva e ativamente responsiva.

Nosso 4° questionamento se referia mais uma vez ao gênero.

Quadro 13 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
A qual gênero pertence o texto lido?	E.	“Conto”.
	D.	“História em quadrinhos”.
	P.	“Poema”.
	L.	“Tirinha”.

	W.	“História em quadrinhos”.
	K.	“Manual de instrução”.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Novamente, o questionamento referia-se ao gênero textual e, mais uma vez, houve muita dificuldade de compreensão. Bakhtin (2020) tece uma crítica referente ao estudo dos gêneros do discurso. Segundo ele, desde a Antiguidade, não se estudavam os gêneros do discurso com o devido valor. No entanto, não deveria ser assim, pois todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. O uso da língua se realiza em forma de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, as quais estão diretamente ligadas à sua realização no cotidiano. Desse modo, é possível que os estudantes E., P. e K. não estejam familiarizados com o gênero “quadrinhos”, o que nos demonstra que esse gênero não faz parte da rotina deles, seja no contexto escolar ou fora dele.

Nos encontros finais, a proposta era analisar outros quadrinhos da Laerte que versavam sobre o tempo. Assim, segue o primeiro questionamento lançado.

Quadro 14 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	**RESPONDENTE**	**RESPOSTA**
“Analise os quadrinhos e responda: Qual o tema retratado em cada um deles?”	E.	“Todos retratam o tempo, mas cada um de uma forma”.
	D.	“Uns mostram como o tempo passa rápido. Outros como o tempo demora a passar”.
	P.	“Fases da vida. Nascer, crescer, morrer. Todos falam do tempo”.
	L.	“O tempo passa. A velhice chega. A beleza acaba. O ano passa rápido. Tempo de chegar e sair. Ficar ou ir embora”.
	W.	“Segundo os quadrinhos “a gente perde a maior parte da vida, sem aproveitar, então depois morre”.
	K.	“Todos falam do tempo”.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nesse momento, com base nas respostas obtidas, percebe-se o ato singular que completa o outro. Embora todos os estudantes tenham se referido, de certa forma, ao “tempo”, cada um o fez de seu lugar; e a produção de sentido se deu na conjunção das diferenças. Desse modo, a alteridade conferiu sentido ao ato. Bakhtin (2010), diferente de outros autores, não compreende a singularidade como um fator causador de constrangimento, mas considera toda interpretação individual, sem haver individualismo ou egoísmo. Assim, a singularidade de cada respondente não é colocada como centro de valores, mas como um dever. Um dever para com o outro.

Cabe refletir, também, que, ao responderem, os estudantes utilizam palavras que não são suas, pois possuem ecos de outras enunciações antes realizadas, de tal modo que a experiência discursiva individual se desenvolve em uma interação constante.

Na segunda questão, perguntamos quais elementos contribuíram para que eles chegassem a essa conclusão.

Quadro 15 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
“Quais elementos contribuíram para que você chegasse a essa conclusão?”	E.	“As imagens”.
	D.	“As imagens ajudaram a entender”.
	P.	“As imagens contribuíram”.
	L.	“As imagens”.
	W.	“Os desenhos”.
	K.	“Os desenhos ajudaram a entender”.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Todos responderam que “as imagens contribuíram para a compreensão da temática”, mas não detalharam como as imagens auxiliaram nessa compreensão. Mesmo sem detalhar como as imagens contribuíram para a compreensão, fica demonstrado o que Brait (2013) nos diz a respeito da verbo-visualidade. Nesse sentido, fica claro que tanto a linguagem verbal quanto a visual desempenham papel fundamental na produção de sentidos, não podendo ser excluídas uma da outra para não correrm os o risco de comprometer a compreensão e a produção de sentido de um enunciado.

A terceira questão pretendia averiguar se os alunos conseguiam compreender as diferentes perspectivas contempladas nos quadrinhos da Laerte, que versavam sobre o tema “Tempo”.

Quadro 16 – Respostas dos alunos

PERGUNTA	RESPONDENTE	RESPOSTA
“Apesar de retratar o mesmo tema, os quadrinhos acima apresentam perspectivas diferentes. Você consegue enxergá-las? Quais seriam essas perspectivas?”	E.	Não consigo.
	D.	Não.
	P.	Não.
	L.	Não compreendi.
	W.	Não sei.
	K.	Não.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nesse caso, nenhum aluno conseguiu responder adequadamente. Assim, ficam alguns questionamentos: Será que a pergunta não foi compreendida? Será que os alunos já estavam cansados e se negaram a responder? Ou o silêncio em relação à pergunta seria a nossa própria resposta?

Ao questioná-los sobre o motivo de não responderem, os estudantes afirmaram que estavam cansados, devido ao trabalho realizado por eles ao longo do dia. Uma nova tentativa de estímulo foi realizada e, então, explicamos o significado da palavra “perspectiva”, pois entendemos que o não conhecimento do significado de tal palavra poderia comprometer o entendimento da questão, mas foi uma tentativa frustrada. Aparentemente, estavam realmente cansados.

No entanto, qualquer que seja a conclusão em relação ao silêncio dos estudantes em tal questão, não podemos nos esquecer de que “[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2020, p. 271). Assim, mais cedo ou mais tarde, tudo o que foi ouvido e compreendido implicará respostas, nos discursos posteriores ou mesmo no comportamento do ouvinte.

Com base nas respostas analisadas, é possível perceber que o processo dialógico contou com momentos não lineares. Assim, cada resposta, independente do seu grau de responsividade, está associada uma a outra em um processo infinito.

6 O PRODUTO EDUCACIONAL

O Mestrado Profissional em Letras (Profletras), de acordo com a Capes (2013), tem como visão a colaboração para o desenvolvimento de uma educação de qualidade no País, por meio da capacitação de professores de Língua Portuguesa para a docência no Ensino Fundamental. Sendo assim, orienta que a pesquisa tenha como ponto de partida um problema da realidade escolar do professor-pesquisador, de modo a aliar teoria às intervenções práticas em sala de aula, corroborando os objetivos do Mestrado Profissional:

> [...] o aumento da qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura e de escrita; o declínio das atuais taxas de evasão dos alunos durante o ensino fundamental; o multiletramento exigido no mundo globalizado com a presença da internet; o desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos compatível aos nove anos cursados durante o ensino fundamental; qualificar os mestrandos/docentes para desenvolver múltiplas competências comunicativas dos alunos em ambiente online e offline; instrumentalizar os mestrandos/professores do ensino fundamental de maneira que eles passem a bem conduzir classes heterogêneas, seja do ponto de vista de níveis de competências linguísticas dos alunos, seja no que tange aos quadros de desenvolvimento atípicos que os alunos apresentem; indicar os meios adequados para trabalhar diferentes gêneros discursivos e tipos textuais nas práticas de ensino e da aprendizagem da escrita, da leitura e da produção textual em suportes digitais e não digitais [...] (CAPES, 2013).

Como resultado de todo o processo de pesquisa, também segundo a Capes (2013), há a elaboração de um produto educacional.

Desse modo, a partir da nossa pesquisa, elaboramos um livro digital, em formato de *e-book*, intitulado “Diálogos sobre o tempo: Laerte Coutinho e Mário Quintana”, contendo atividades autoinstrutivas que objetivam despertar a responsividade dos estudantes.

Para a confecção do material, dividimos a aplicação das atividades em seis momentos, com o foco em estudantes da 5° e 6° etapas da EJA.

Nossa proposta traz sugestões de atividades que possibilitam a resposta responsiva dos estudantes, ancorada em gêneros textuais diversos, como as tirinhas da Laerte e os poemas de Quintana.

A divisão do material ficou da seguinte forma:

1 O que é o tempo?
2 Gêneros textuais
3 Quadrinhos
3.1 Laerte e produção quadrinística (impresso e digital)
4 Poemas
4.1 Quintana e produção poética
5 Atividades de leitura e análise dos gêneros escolhidos
6 Diálogo entre os gêneros (interdiscursividade)

Para a produção desse material educativo, dialogamos com os preceitos de Gabriel Kaplún (2003), segundo o qual o material educativo não é apenas um objeto educativo, mas sim um apoio ou facilitador da experiência de aprendizado. Para o autor, o material educativo proporciona mudança ou enriquece a experiência educativa em algum aspecto, seja no sentido conceitual, perceptivo, axiológico, emocional, afetivo, de habilidades ou ainda de atitudes.

Mas o autor explica que há muitos materiais não criados com fins educativos que servem a tal propósito, desde que aplicados em determinados contextos. É o caso dos poemas de Quintana e dos quadrinhos da Laerte, que são *corpus* do material educativo que elaboramos, com o fito de apoiar ou facilitar a experiência de aprendizagem do aluno.

Kaplún (2003) ainda nos adverte que a produção de um material educativo envolve uma “tríplice aventura” – a aventura da criação, do material em si e de seu uso posterior – que, muitas vezes, foge da ideia de utilização inicial. Interessante mencionar que a produção de um material educativo exige de seu produtor ou produtores uma gama de saberes técnicos, conceituais e de outras ordens, o que para ele inviabiliza a produção de um material educativo por uma única pessoa ou torna o processo mais complexo.

Kaplún (2003) indica que, inicialmente, é preciso definir a temática e as ideias centrais que constituirão o material pedagógico. Segundo ele, é preciso conhecer bem a temática, as opiniões de autores peritos na temática escolhida. A essa etapa inicial ele denomina de *eixo conceitual.*

Para avançar na produção do material educativo, o pesquisador nos mostra que dominar bem o conteúdo escolhido para a produção do material educativo não é o bastante, assim como dominar tais conteúdos e definir as temáticas a serem abordadas. É necessário que o produtor do material educativo conheça o contexto de aplicação do material e os sujeitos a quem ele será destinado. A esse conhecimento ele denomina *eixo pedagógico.*

Em terceira instância, mas não menos importante, Kaplún (2003) nos fala do eixo comunicacional. Segundo o autor, o eixo comunicacional representa a melhor maneira de fazer o percurso. Dessa forma, o eixo comunicacional não é submisso aos eixos pedagógico e conceitual. Pelas ideias do autor, fica evidente a interação entre os eixos que, juntos, fluem para a construção de um material educativo significativo.

Após as primeiras oficinas e análise inicial do perfil da turma, do levantamento de conhecimentos prévios, proposição de atividades e análise das respostas dos envolvidos no processo, elaboramos nosso produto educacional com atividades reformuladas que dialogam com a realidade da turma e aplicamos no decorrer das oficinas realizadas.

Ao final, após novas considerações dos alunos sobre as atividades propostas, realizamos o acabamento do material educativo, visando apresentar as atividades desenvolvidas durante a pesquisa e a sistematização dos resultados, como modo de colaborar com a criação de novas propostas de ensino para a formação do leitor responsivo a partir dos gêneros elencados.

6.1 VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Para a validação do produto educacional, criamos um formulário pelo *Google Forms* e enviamos para os estudantes participantes da pesquisa. Assim, após aplicarmos algumas atividades do produto educacional e em resposta ao diálogo, os alunos tiveram a oportunidade de expor suas considerações para a melhoria desse material.

Dos estudantes, dois eram homens e quatro eram mulheres. Todos moradores da zona rural, do município de Irupi.

Assim, chegamos às respostas, cujo material encontra-se no final desta dissertação, no apêndice B. Ao serem perguntados se o conteúdo trabalhado foi adequado à turma, 5° e 6° etapas da EJA, 100% dos alunos responderam que sim. Tal resposta nos faz pensar que o conteúdo abordado contribui e é bem aceito pelos alunos dessas etapas e modalidade de ensino.

Ao perguntarmos sobre a forma de apresentação das atividades e sobre a pertinência do trabalho com os gêneros textuais escolhidos - quadrinhos e poemas - para o produto educacional, 100% dos estudantes responderam que as atividades eram claras e que é importante, sim, trabalhar com esses gêneros textuais. Assim, fica ratificada nossa análise anterior. Tais respostas podem servir como um norteador para a produção de mais materiais parecidos com esse.

Quanto ao questionamento se tiveram dificuldades em realizar as atividades, 50% apontaram que sim. Procuramos compreender quais aspectos dificultaram a compreensão das atividades. Os estudantes apontaram que algumas palavras eram desconhecidas por eles, mas que com a explicação do professor entenderam bem a maior parte das atividades.

A última pergunta propôs quantificar a importância do produto educacional, em uma escala de 1 a 10. Nesse sentido, 83,3% dos estudantes avaliaram o produto com a nota 9. Com base em todos os dados analisados, percebemos que o material educativo amplia o repertório dos alunos e contribui para a formação do leitor responsivo.

Dessa forma, consideramos a validação do produto pelos estudantes, assim como a banca também realizou a validação e atuou como comitê científico no dia da defesa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora nos encontramos em um momento delicado da nossa caminhada. Sentimo-nos como um “Jano Bifronte”, que tanto observa o passado como vislumbra um futuro.

Trabalhar com a obra de dois gigantes da Arte e da Literatura que viveram em momentos diferentes só nos confirma a ideia de que as respostas vêm… Em algum momento, elas chegam e abrem os horizontes, trazendo-nos clareza e criando novos escuros, em um ciclo sem fim.

A princípio, parecia um devaneio: levar para sala de aula autores tão distintos e ainda esperar respostas ao longo do processo?! Falar do tempo, algo tão real, tão presente em nossas vidas, mas tema sobre o qual pouco ou nada se discute dentro da sala de aula? Não temos dúvidas de que lançamos algumas provocações promissoras, pois muitas respostas foram suscitadas desde o início da aplicação da pesquisa. Outras serão respondidas ao longo da trajetória de cada um dos partícipes, uma vez que o diálogo nunca termina.

No ponto em que nos encontramos é possível deduzir que os quadrinhos da Laerte (com seu discurso verbo-visual, sua crítica bem colocada) e os poemas de Quintana (com a temática sobre o tempo e com seu trato delicado com as palavras) fizeram emergir muitas respostas.

No entanto, para iniciarmos esta trajetória de pesquisa e na busca por atingir nossos objetivos, precisamos, inicialmente, fazer a revisão de literatura. Ela nos deu a oportunidade de compreender em que lugar estamos quando pensamos em estudos voltados para a EJA. Por meio da revisão de literatura, conseguimos perceber que, da maneira como fizemos, aliando Literatura e Arte à temática pensada especialmente para aquele público, foi algo inovador.

Assim, apoiados em Bakhtin, teórico da linguagem, e em Norma Goldstein, estudiosa dos poemas, selecionamos os princípios da responsividade, do dialogismo, da polifonia e da alteridade como norteadores de nossa pesquisa. Valorizamos as contribuições desses estudiosos e os conceitos abordados por eles, uma vez que lançam luz sobre os diálogos que procuramos estabelecer.

É necessário mencionar também que a aplicação de nossa pesquisa foi apoiada na metodologia de pesquisa dialógica, conforme os preceitos bakhtinianos, em que o objeto da pesquisa em ciências humanas é o ser expressivo e falante, um ser inesgotável em seu sentido e significado.

As autoras Souza e Albuquerque (2012) completaram as proposições de Bakhtin, como fundamento para pesquisa em ciências humanas. Segundo essas estudiosas, a interlocução entre pesquisador e o seu outro adquire uma especificidade que deve ser caracterizada, uma vez que apenas as respostas em contato com outras respostas é que possuem sentido e não uma resposta avaliada de maneira isolada.

Sabendo disso, durante todos os momentos de intervenção, houve muita escuta e diálogo. Mesmo cansados, devido a um dia cansativo de trabalho, muitos alunos perguntavam o significado de alguma pergunta ou expressão e davam o retorno esperado e, mesmo que não perguntassem, respondiam de acordo com suas experiências de vida. Isso nos levou à reestruturação de atividades para as aulas seguintes, com o objetivo de diminuir o volume de questionamentos. Consequentemente, não conseguimos aplicar todo o conteúdo das aulas estruturadas para o material educativo, porém entendemos que foi suficiente para alcançar os objetivos propostos com a aplicação do produto.

Sob a ótica bakhtiniana, o outro é alguém cuja palavra se confronta com a do pesquisador, refratando-a e exigindo-lhe resposta. Aqui, o pesquisador se recusa a assumir a neutralidade exigida por uma determinada concepção de método científico e participa das relações e experiências, muitas vezes contraditórias, que o encontro com o outro proporciona, o que corrobora nossa experiência de adequar o material à realidade da turma.

É fundamental citar também que toda a pesquisa só foi possível graças à reflexão e diálogo ocorridos ao longo do curso de mestrado. O diálogo com os professores que ministraram as aulas, assim como os diálogos entre todos os mestrandos resultaram na construção de muitos saberes e possibilitaram a aplicação de nossa pesquisa.

Além disso, é pertinente mencionar que a pesquisa cumpriu seu objetivo de ampliar o repertório de gêneros apreciados por esse público. Nesse sentido, nosso objetivo geral de compreender como o diálogo entre os quadrinhos da Laerte e os poemas de

Quintana podem contribuir para a formação do leitor responsivo, estimulando a leitura crítica e a resposta sobre o tema a efemeridade do tempo foi alcançado.

Bakhtin (2011) evidencia que, no campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. Assim, ele demonstra também que uma cultura só revela profundidade em contato com a cultura do outro, com o sentido do outro. Assim, fizemos, na tentativa de alcançar tal profundidade, unimos a obra da Laerte à obra de Quintana e criamos questões que só os estudantes, enquanto sujeitos das pesquisas, conseguiriam responder, revelando novas vertentes e novos sentidos.

Nesse encontro marcado por nós, o dialogismo presente não deixa haver a fusão ou confusão entre as culturas. Ao contrário, o dialogismo abre portas para o enriquecimento mútuo entre elas. Sem o apagamento de uma ou de outra.

Além do objetivo geral, consideramos que nossos objetivos específicos também foram alcançados. O primeiro, que visava analisar as contribuições dos quadrinhos e dos poemas que versam sobre o tempo, por meio da mediação em oficinas interventivas aplicadas na 5° etapa da EJA, da rede pública estadual no município de Irupi, Espírito Santo, alcançou bons resultados.

Ao longo das oficinas, ficou claro o desconhecimento de alguns em relação aos gêneros ou aos autores e, nesse aspecto, nossas atividades ampliaram o repertório dos sujeitos das pesquisas. Além do mais, a temática efemeridade do tempo ganhou destaque e, de acordo com suas vivências, cada um respondeu e refletiu sobre a temática.

O segundo objetivo específico - verificar como os quadrinhos da Laerte em diálogo com os poemas de Quintana, na perspectiva da linguagem verbo-visual, podem ser utilizados em sala de aula, promovendo a reflexão crítica no espaço escolar - também foi atendido. Cabe mencionar que o não conhecimento dos gêneros, em alguns casos, não impediu uma reflexão crítica dos estudantes, porém tal constatação despertou ainda mais o olhar para a necessidade de levar esses gêneros para as salas de aula, especialmente as da EJA.

Quanto ao terceiro objetivo - elaborar um produto educacional, em formato de *e-book*, a partir de intervenção proposta e, posteriormente, avaliar, reelaborar, validar e

compartilhar tal recurso educativo da referida série -, também obtivemos êxito, uma vez que elaboramos, aplicamos e validamos, reelaboramos para agora compartilhar esse recurso educativo.

Em linhas gerais, a pesquisa nos permitiu enxergar que os quadrinhos da Laerte e os poemas de Quintana contribuem para a formação do leitor responsivo, proporcionando uma compreensão plena e real, ativamente responsiva.

Assim, para que a pesquisa alcançasse os objetivos esperados, foi necessária uma sensibilidade de compreender que nem todos conheciam os gêneros abordados e que, assim, seria necessária a apresentação desses gêneros a eles. Além disso, houve a preocupação com a escolha de autores, gêneros e temas que dialogassem com o nível e realidade da turma. Se as atividades fazem sentido para os estudantes, eles se sentem mais empenhados em responder e refletir criticamente sobre o que é proposto.

A pesquisa não se encerra aqui, mas acreditamos na contribuição das atividades desenvolvidas como fomentadoras do diálogo e do dialogismo, assim como da responsividade. Enxergamos também a contribuição que elas tiveram no sentido de valorizar a alteridade do estudante. Se antes não tinham conhecimentos dos gêneros quadrinhos e poemas, agora eles possuem subsídios para dialogar sobre os gêneros. Se antes não tinham escutado falar de Quintana ou da Laerte, agora possuem bagagem para dialogar quando os nomes desses autores surgirem, pois, pelo que vivenciaram na arte, responderam com as próprias vidas.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. **A persistência da memória de Salvador Dalí**: análise do quadro. [2023]. Disponível em: https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali//. Acesso em: 02 abr. 2022.

AMORIM, Marília.

ANDRADE, Fransisco Rogiellyson da Silva; ANDRADE, Flávia Hatsumi Izumida; RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. Enunciado e ideologia em tirinhas da personagem Rã Zinza no contexto pandêmico: uma análise dialógica do discurso. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 56, n. 3, p. 465-481, set./dez. 2021.

BARENCO, Marisol. **Arte e Bakhtin**. Meet, 31 mar. 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1rWT8jHbT4y5VJQNvJmyioOKHAk91eMKq/view. Acesso em: 02 abr. 2022.

BARENCO, Marisol. **O homem ao espelho**. Youtube, 21 mar. 2022. Disponível em: https://youtu.be/PeMwftAM9ig. Acesso em: 23 mar. 2022.

BARENCO, Marisol; MIRANDA, Maria Letícia et al. Em Busca de uma Possível Imagem Amorosa de Si e do Outro. In: **O Homem ao Espelho. Apontamentos dos anos 1940.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.amri

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro e João, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética. A Teoria do Romance**. 5 ed. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II. As formas do tempo e do cronotopo.** São Paulo: Editora 34, 2018.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRAIT, Beth. **Bakhtin dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2018.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo visualidade e perspectiva dialógica. **Revista Bakhtiniana**, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.

BRAIT, Beth. **Bakhtin Outros Conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 06 ago. 2023.

CÂNDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

CARNEIRO, Marcelo Carbone. Considerações sobre a ideia de tempo em Sto. Agostinho, Hume e Kant. **Revista Interface**, 2004.

CASTELIONE, Flávia Rangel Pimenta. **Viver dói: as contribuições dos quadrinhos da Chiquinha na formação do leitor responsivo**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020. Disponível em: http://www.profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes#. Acesso em: 10 jun. 2021.

CHISTÉ, Priscila. **Entre o direito à cidade e o direito à Literatura**: mediações das cidades Invisíveis para a formação do leitor responsivo. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras). 2013. Disponível em: http://www.capes.gov.br/educacão-a-distancia/profletras. Acesso em: 30 maio 2023.

DAVIS, Jim. Garfield. 2006. Disponível em: https://www.vestibulandoweb.com.br/wp-content/uploads/2022/07/platelmintos_nematodos.pdf. Acesso em: 08 ago. 2021.

ELIAS, Nobert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FERNANDES. Mônica Luiza Sócio. **Labirintos poéticos e enigmas de tempo na poesia de Quintana**. 2007.Tese (Doutorado em Letras)- USP, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-05122007-160827/publico/TESE_MONICA_LUIZA_SOCIO_FERNANDES.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: Bakhtin: Conceitos-chave. Brait, Beth (Org). Contexto, 2021.

FONSECA, Diogo Guedes Duarte. **Subversão em três quadros: padrões de intenção na obra de Laerte Coutinho**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Recife, Recife, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10758#:~:text=RI%20UFPE%3A%20Subvers%C3%A3o%20em%20tr%C3%AAs,na%20obra%20de%20Laerte%20Coutinho&text=Abstract%3A,do%20espa%C3%A7o%2C%20normalmente%20apenas%20humor%C3%ADstico. Acesso em: 20 maio 2021.

GERALDI, W. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In: FREITAS, Maria Tereza (Org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAUBERT, Laura Elizia. Apontamentos sobre a questão do tempo na Grécia. **Prometheus**, n. 31, 2019.

ITAÚ CULTURAL. **Laerte sintetiza o melhor das HQs nacionais:** subversão, experimentalismo e bom humor. 2021. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/laerte-sintetiza-melhor-hqs-nacionais. Acesso em: 20 dez. 2021.

KAPLÚN, Gabriel. Material Educativo para a experiência do aprendizado. **Revista Comunicação & Educação**, n. 271, p. 46-60, 2003.

KOHAN, Walter. **Os diversos tempos escondidos no tempo**. Youtube, 3 set. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hZc0AIA5Y8. Acesso em: 05 abr. 2022.

KRENAK, Ailton. **O tempo líquido se derrama sobre nós**. Youtube, 7 jan. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0hUD7RjvIXE. Acesso em: 05 abr. 2022.

LAERTE. **Ilustração Sindical**. 5. ed. 1989. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/ilustracao_sindical. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. “Tenho vergonha de quase tudo que desenhei”. **Bravo!,** set. 2010. Entrevista concedida a Armando Antenore.

LAERTE. [Boa pessoa]. **Manual do Minotauro**, 2015. Disponível em: https://manualdominotauro.blogspot.com/search/label/boa%20pessoa. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. [Tempo]. **Manual do Minotauro**, 2016. Disponível em: https://manualdominotauro.blogspot.com/search/label/tempo?updated-max=2017-06-27T07:16:00-07:00&max-results=20&start=20&by-date=false. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. [Vida]. **Manual do Minotauro**, 2017. Disponível em: http://manualdominotauro.blogspot.com/search/label/vida. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. [Tempo]. **Manual do Minotauro**, 2018a. Disponível em: https://manualdominotauro.blogspot.com/search/label/tempo/. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. [Tempo]. **Manual do Minotauro**, 2018b. Disponível em: https://manualdominotauro.blogspot.com/search/label/tempo. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBA8Om3AjyQ/?epik=dj0yJnU9Q0V5M09DNkY2a0dT

dEEzUmhjRXA1Sk9ZREhaNEhva2UmcD0wJm49QkxFaElpVGZlNVNDR1NtTTJvUHlndyZ0PUFBQUFBR1RHcjh3. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. [Pássaros]. **Manual do Minotauro**, 2021a. Disponível em: https://manualdominotauro.blogspot.com/2021/. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. [Bicicleta]. **Manual do Minotauro**, 2021b. Disponível em: https://manualdominotauro.blogspot.com/2021/. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAERTE. [Dinheiro]. **Manual do Minotauro**, 2021c. Disponível em: https://manualdominotauro.blogspot.com/search/label/dinheiro. Acesso em: 20 dez. 2021

LAERTE. [Tirinha]. 2006. Disponível em: http://www.vestiprovas.com.br/questao.php?questao=puc-sp-2007-1-1-portugues-interpretacao-de-textos-11606. Acesso em: 08 ago. 2021.

LANGONI, Ana Carolina. **Histórias em quadrinhos do Universo Macanudo**: um caminho para a formação de leitores críticos. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: http://www.profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes#. Acesso em: 15 maio 2021.

LENINE. **Paciência**, 1999. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/6gBlkT2u5P7UyZUYH8WnKz. Acesso em: 06 ago. 2023.

LIMA NETO, Raimundo Clemente. **Quadrinho como labirinto:** uma descrição interpretativa das tiras do *blog Manual do Minotauro* sob a ótica da poética do imaginário. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_1d38a47daff58a5ad5849de427653095#. Acesso em: 20 maio 2021.

MACHADO, Marília Correa. **O gosto do nunca e do sempre: o espaço e o tempo na poesia de Mário Quintana**. 2004. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88032#. Acesso em: 20 maio 2021.

MARCUZZO, Patrícia. **Diálogo inconcluso:** os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. 2008. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/. Acesso em: 29 mar. 2022.

MCCLOOD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

QUINTANA, Mário. **Esconderijos do tempo**. Rio de janeiro: Objetiva, 2013.

QUINTANA, Mário. **Caderno H.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

QUINTANA. In: WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Fundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Quintana. Acesso em: 20 dez. 2021.

RAMIRO, Sílvio. Paciência, o compositor é poeta: uma leitura da canção de Lenine. **Revista Brasileira de Estudos da Canção**, 2013.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2021.

RAMOS, Paulo. Gênero ou hipergênero. **Estudos linguísticos**, 2009.

REIS, José. Sobre o tempo. **Revista Filosófica de Coimbra**, n. 09, 1996.

SOBRAL, Adail. **Ético e Estético**. In: Bakhtin: Conceitos-chave. Brait, Beth (Org). Contexto, 2021.

SOUZA, Solange Jobim e; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, v. 7, n. 2, dez. 2012.

TEZZA, Cristovão. **Entre a prosa e o formalismo russo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VARGAS, Taiane Basgalupp de. **"Das mudanças do tempo, que ora nos traz esperanças, ora nos dá incertezas":** imagens do Tempo na poesia de Quintana. 2019. Tese (Doutorado em História da Literatura) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019. Disponível em: repositorio.furg.br. Acesso em: 20 jan. 2022.

VELOSO, Caetano. **Sobre o tempo**. 1979. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/2dyO1eHqaTjNCRBEK7eOlo. Acesso em: 06 ago. 2023.

WERNECK, Giovanna Corrozzino. **Violência contra as mulheres: contribuições dos quadrinhos de Henfil para a formação do leitor crítico na escola.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. Disponível em: http://www.profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes#. Acesso em: 14 maio 2021.

WIKIPÉDIA. **Saturno devorando um filho**. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Saturno_devorando_um_filho. Acesso em: 26 dez. 2021.

APÊNDICE A - ATIVIDADES APLICADAS

ATIVIDADE 1

1) Se você tivesse que definir o tempo em uma única palavra qual seria? Vamos produzir uma nuvem de palavras, com o auxílio de um aplicativo. https://wordart.com/

2) Por que se orientar no tempo é tão importante?

3) Durante nossa vida, realizamos atividades por uma obrigação, para cumprir algum dever e realizamos atividades por prazer. Quais atividades você realiza ao longo do dia que lhe dá prazer? Quando você realiza tais atividades como você sente o tempo passar? Você sente que ele passa muito rápido ou que se demora?

4) E quando você realiza alguma atividade que considera difícil ou que você não gosta de algo que você faz como cumprimento de um dever. Você sente o tempo passar da mesma forma. Por que isso acontece?

ATIVIDADE 2

1) Tente imaginar. Como seria viver em uma sociedade que não utiliza relógios ou calendários para organizar o tempo? Será que existe alguma sociedade ou lugar assim?

Texto I

Seiscentos e sessenta e seis

"A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas
Quando se vê, já é 6ª-feira
Quando se vê, passaram 60 anos
Agora, é tarde demais para ser reprovado
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio.
Seguia sempre, sempre em frente…

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.”

(QUINTANA, 2013, p. 38)

ATIVIDADE 3

1) Você reconhece o gênero acima? Ele se assemelha com algum texto que você encontra em seu cotidiano?

2) A qual gênero o texto acima pertence?

3) Qual reflexão o poema desperta em você?

TEXTO II

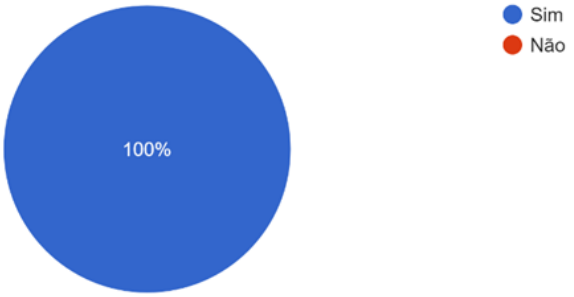
Figura - Vida

Fonte: Laerte (2017).

APÊNDICE B - FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

a) O conteúdo trabalhado foi adequado à sua turma?

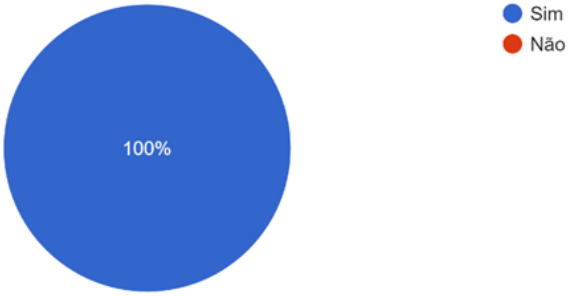
6 respostas



Sim: 100%

b) A forma de apresentação das atividades está clara?

6 respostas

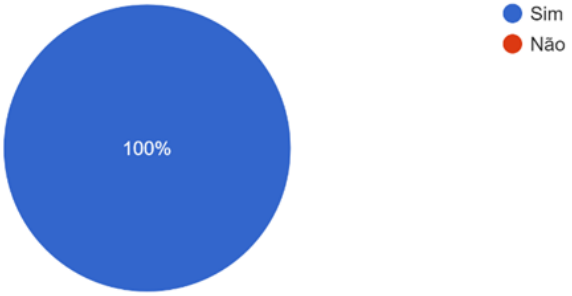


Sim: 100%

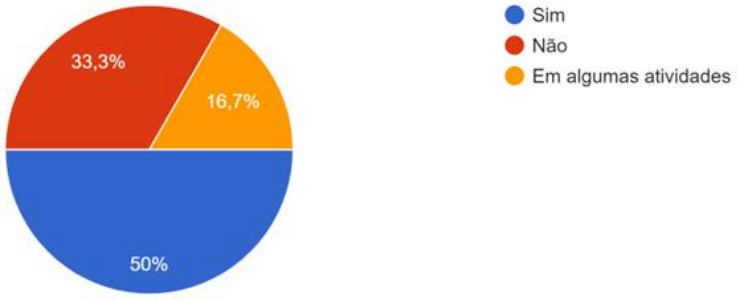
c)

c) Vocês acham importante a abordagem dos gêneros textuais trabalhados?

6 respostas

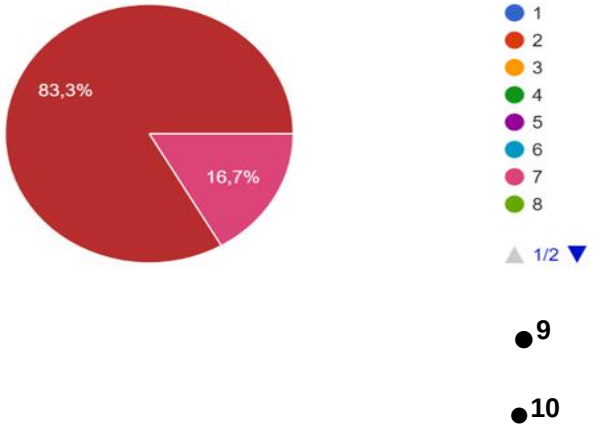


d) Vocês tiveram dificuldade de entender as atividades?
6 respostas



Algumas atividades- 50%

e) Em uma escala de a 10, que nota você dá para este caderno de atividades?
6 respostas



Escala: 9= 83,3%